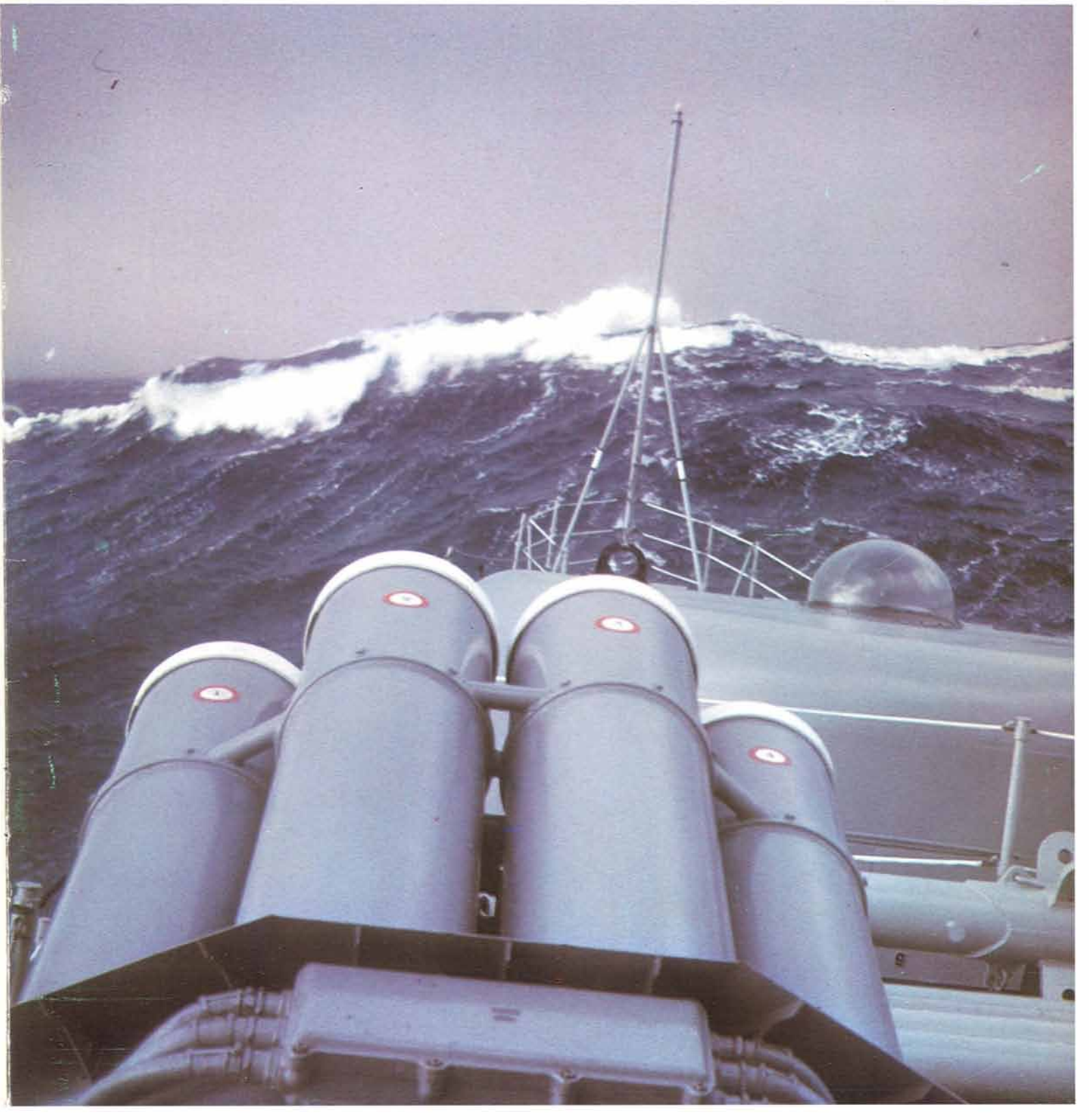
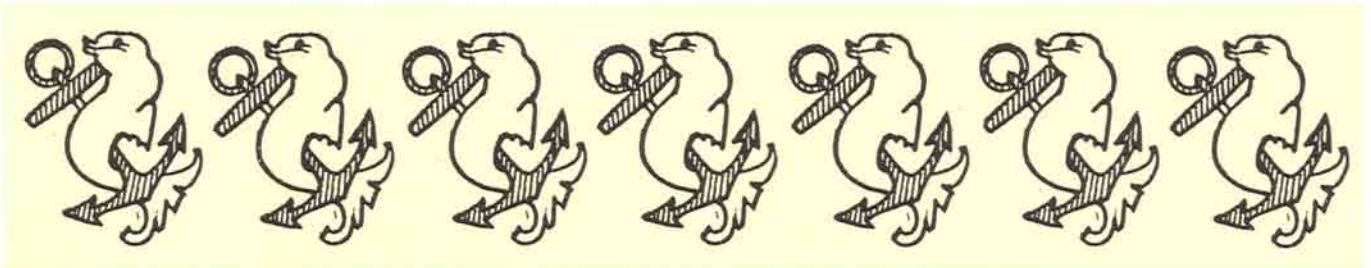
N.º 53 / FEVEREIRO 1976 / ANO V

revista da ARMADA



Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. do Vale	**Efemérides Navais**	4
O. Lemos	**Bibliografia**	5
O. Lemos	**O Problema do Salvamento nos Submarinos**	6
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** A Terra e o Homem	8
Vários	**Voz da Abita**	12
S. Machado	**Onde Estamos em Matemáticas?**	14
M. do Vale	**A Marinha na Paz**	16
M. Horta	**Notícias Pessoais**	17
M. do Vale	**Canal do Suez, oito anos depois...**	18
S. Augusto	**Promoção Sócio-Cultural na Armada**	20
A. Fonseca	**Desporto**	23
G. Brandão	**Filatelia**	24
M. Horta	**Saibam Todos**	25
Vários	**Curiosidades**	26
S. Elpídio	**Reportagem**	27
Vários	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 53/FEVEREIRO 1976/ANO V

Preço de venda avulso	5$00
Assinaturas anuais:	
Continente, Ilhas, Ultramar, Espanha e Brasil (via normal)	50$00
Estrangeiro, excepto Espanha e Brasil (via normal)	68$00
Ilhas (via aérea)	75$00
Ultramar (via aérea)	137$00

Na capa:

Vento força 8.

(Foto do cap.-ten. José de Brito Subtil (Concurso de diapositivos do Clube Militar Naval)

Execução gráfica:
LISGRÁFICA, Impressão e Artes Gráficas, S. A. R. L.

Nota de Abertura

Descolonização

Não vou abordar o assunto no seu aspecto teórico, nem tão pouco historiar a maneira como ela decorreu nas nossas antigas colónias. Seria absolutamente impossível fazê-lo em tão reduzido espaço. Creio até que sobre o caso correu já tinta bastante e eu pouco mais poderia acrescentar que interessasse ao leitor. Quero apenas, isso sim, encará-lo sob o nosso ponto de vista muito particular de marinheiros.

É sabido que, com raríssimas excepções, todos lá fizemos comissões de serviço, embarcados ou em terra, com maior ou menor permanência. Salvo casos muito especiais, ganhámos amor a essas terras e às suas gentes. Os nomes de Cabo Verde, Guiné, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Angola e Timor, são para nós, marinheiros, um mundo de recordações. Cidades, vilas, florestas, desertos, estradas, rios, baías e praias, tudo nos passa pela mente, numa nuvem de saudade, quando se fala em descolonização.

E que será feito das pessoas amigas e conhecidas que lá deixámos? Muitos já os vimos por cá, desiludidos, sem eira nem beira, mas com esperança de um dia voltar; doutros tivemos notícia — foram para outros países ou ficaram teimosamente agarrados à terra que é, ou adoptaram, como sua — mas, de alguns não sabemos. Como porém, nada poderá destruir os laços que nos unem a essas terras e a essas gentes, havemos de sabê-lo à medida que a situação se vá normalizando.

Com.

Efemérides Navais

Gago Coutinho

Gago Coutinho vai medir a altura do Sol com o astrolábio.

Enquanto o 1.º piloto faz o ponto do navio com alturas do Sol medidas com o sextante, Gago Coutinho fá-lo com as alturas tiradas com o astrolábio.

No dia 17 de Fevereiro, completam-se 107 anos sobre o nascimento dum dos mais ilustres marinheiros portugueses de todos os tempos, o almirante Gago Coutinho.

A propósito, publica-se a carta que nos foi enviada pelo comandante Henrique A. da Fonseca:

> *«Por intermédio do Senhor José Maria Azedo, oficial maquinista da Marinha Mercante, recebemos as fotografias que juntamos e que foram tiradas numa viagem do paquete «VERA CRUZ», de Lisboa para o Rio de Janeiro. Nelas se vê o almirante Gago Coutinho, já com perto de 90 anos, a determinar alturas do Sol com o astrolábio. Como é sabido, o ilustre almirante, além de notável geógrafo e matemático e de precursor da navegação aérea, dedicou-se, nos últimos anos da sua vida, a estudos sobre os descobrimentos marítimos dos portugueses e, nesta viagem, fazia diariamente observações do Sol com o astrolábio, instrumento utilizado pelos nossos navegadores para determinar a latitude. Estas fotografias foram tiradas na que julgamos ter sido a sua última viagem ao Brasil, onde, tanto como em Portugal, a sua figura simpática era acarinhada pelo povo quando aparecia na rua ou nos espectáculos públicos com a sua boina espanhola, fazendo por passar despercebido.»*

Bibliografia

UM FIO DE ESPERANÇA
por A. Santos Coentro

A «Revista da Armada» regista com satisfação o aparecimento desta obra de um dos seus mais antigos e valiosos colaboradores. Na realidade, um dos oito contos que compõem o livro foi já publicado (em versão truncada e adaptada às exigências políticas da época) nas páginas da nossa Revista. Santos Coentro é um contista com a sinceridade à flor dos lábios e a sua ficção não sofre os «arranjos» da conveniência que possam encobrir-nos uma realidade que ele deseja apresentar no explendor de toda a sua nudez ainda que chocante ou cruamente perturbadora de preconceitos morais. Das coisas do mar tem, no entanto, Santos Coentro uma sensibilidade especial – resulte ela da sugestiva verve de quem se sente como «peixe na água» ou do acordar em nós de vivências que sentimos compartilhadas. Muitas páginas do livro reflectem também essa capacidade poética a que o autor nos habituou nos versos com que tantas vezes tem colaborado na nossa Revista. «Um fio de Esperança», sendo um grito de revolta contra a prepotência e a injustiça sociais, é também um livro que se lê com agrado e preencherá algumas horas de lazer sem que se dê pelo tempo.

OS NAVIOS QUE DESCOBRIRAM O MUNDO
pelo comandante Amadeu de Carvalho Andrade

Trata-se da reedição desta pequena monografia que o autor dedicou ao estudo dos navios com que os portugueses se abalançaram à gigantesca tarefa das Descobertas. Em estilo despretensioso mas cativante, ao jeito que todos lhe conhecem, o comandante Carvalho Andrade dá-nos neste seu livro uma panorâmica dos condicionalismos em que os navios actuaram e das inerentes capacidades para os tornearem ou vencerem.

DICIONÁRIO PORTUGUÊS-MACUA
pelo Pe. Alexandre Valente

Numa das últimas edições (1974) da Junta de Investigações Científicas do Ultramar veio agora a lume esta obra de inegável valor no campo literário e de largo interesse no âmbito das relações linguísticas entre Portugal e Moçambique. Esta obra coroa um imenso trabalho de investigação e compilação levado a efeito pelo autor, membro da Sociedade Missionária Portuguesa. Se o português vier a ser a língua oficial da República Popular de Moçambique, este livro será de transcendente interesse pois o Macua é falado por cerca de 2 500 000 moçambicanos.

HISTÓRIA DO SOCIALISMO EUROPEU
por Élie Halévy

Por se tratar de um clássico, agora editado pela Bertrand, na sua colecção «Ciências Sociais e Humanas», não queremos deixar de fazer uma referência para os estudiosos ou interessados em temas sociais e políticos. Historia a evolução das ideias socialistas desde as suas origens na Inglaterra até aos nossos dias.

PORTUGAL CORRECTO E AUMENTADO
por Manuel de Lucena

«Iniciativas Editoriais» publicou há tempos esta obra de Manuel de Lucena onde se analisa a evolução dos acontecimentos no Portugal post 25 de Abril. Não se trata de um enumerar de factos mas de uma análise lúcida da conjuntura portuguesa apoiada por um tratamento literário que a valoriza extraordinariamente. De tanto que se tem escrito do Portugal recente, este é sem dúvida um dos livros mais esclarecidos sobre o assunto, não tanto por aquilo que nos diz mas pelo que nos obriga a pensar.

CONSTITUIÇÕES POLÍTICAS DE DIVERSOS PAÍSES
por vários colaboradores e com prefácio do professor Jorge Miranda

Este volume, em edição da Imprensa Nacional, é uma colectânea das constituições ou principais textos constitucionais dos seguintes países: Estados Unidos da América, França, Itália, Alemanha Federal, Suíça, Jugoslávia,

República Democrática Alemã, União Soviética, Argélia, México, Peru e Venezuela.
É um livro de estudo e consulta para quem esteja interessado em problemas políticos e de direito constitucional.

MOEDA – A dimensão obscura da politica (1.º volume)

por Francisco Correia Guedes

Em edição da Bertrand e fazendo parte da colecção «Universidade – Ciências Sociais e Humanas» dá-nos o dr. Correia Guedes o primeiro volume de uma obra que resolveu levar a cabo – a análise dos acontecimentos da história monetária e suas implicações nos campos político e económico-financeiro. A interligação entre o poder e a moeda são aqui estudados com grande objectividade cobrindo o 1.º volume, há tempos editado, o período histórico que finalizou com a edificação da estrutura monetária saída de Bretton Woods. O volume seguinte, em preparação, abarcará o período emergente daquela estrutura monetária até à recente crise do petróleo.

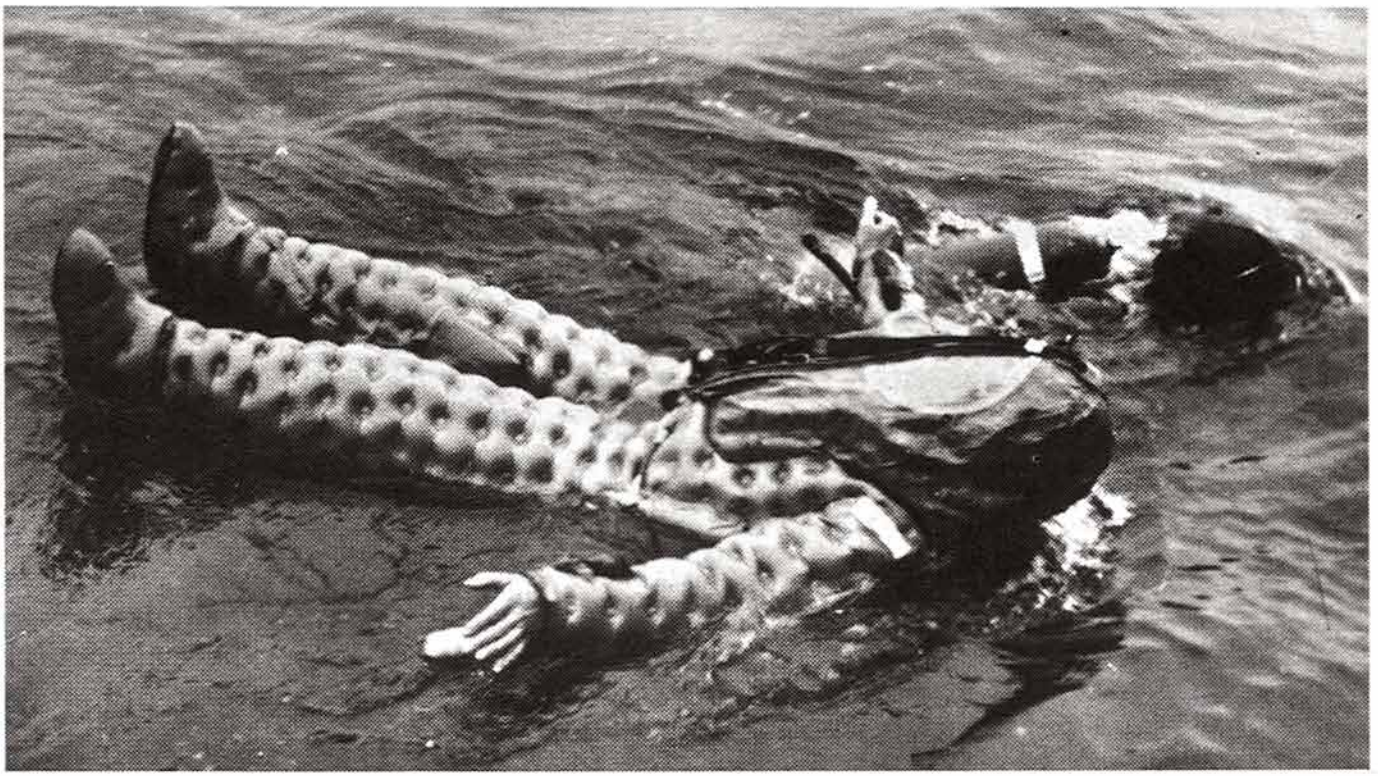
AS DIABRURAS DO MENINO HAMLET

por João Alves da Costa

Ainda em edição da Bertrand, muito recente, surgiu este estupendo livro que é uma autêntica revelação. São inúteis quaisquer referências ao tipo de narrativa e de prosa ou ao humor contundente do autor. Só lendo se pode julgá-lo e afirmamos que vale bem a pena... Já que são bem poucos os livros que o valem.

O. Lemos
Cap.-frag.

O Problema do Salvamento nos Submarinos



O fato-cogula que permite a saída do submarino e a vinda à superfície.

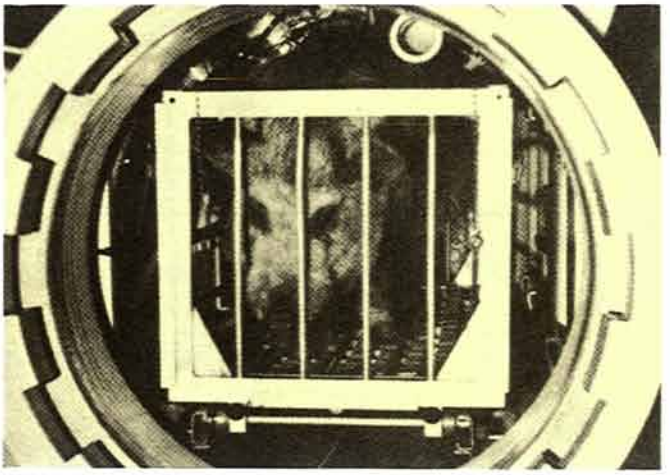
Os submarinos, dada a sua pequena reserva de flutuabilidade e sendo mais susceptíveis que outro qualquer navio às consequências de eventuais avarias, são de uma grande vulnerabilidade. Os riscos provenientes de acidentes são, para a guarnição, de prognóstico sempre pouco animador. Daí que se tenham envidado os maiores esforços no sentido de se conseguirem sistemas de salvamento que possam oferecer margens cada vez mais confortáveis de viabilidade. Tais sistemas recorrem a processos individuais de salvamento quando a profundidade é pequena ou, caso contrário, a mé-

todos que se socorrem de câmaras especiais tipo sino como no sistema Mac Cann ou a submarinos de salvamento. Estes submarinos especiais são providos de um sistema de junção através do qual se faz a passagem do pessoa do submarino sinistrado para o submarino salvador.

Se o acidente tem lugar na plataforma continental, que de um modo geral se estende até profundidades da ordem dos 200 metros é de encarar a hipótese de salvamento individual através de uma escotilha especial de abandono (que os franceses denominam SAS). Os submarinos franceses estão a ser equipados com dois dispositivos SAS instalados em compartimentos estanques. O abandono faz-se envergando um fato especial estanque — a cogula — que irá permitir a descompressão em condições aceitáveis do ponto de vista fisiológico. A instalação deste sistema a bordo dos submarinos pode ser encarada por se ter chegado à conclusão de que era viável o salvamento até 200 metros de profundidade regressando o náufrago à superfície à velocidade que a impulsão da água normalmente lhe imprime.

Fizeram-se experiências com animais em câmaras hiperbáricas para estudar as suas reacções. De todos eles o que alcançou maior popularidade foi o porco «Ben-Hur» de 70 quilos, do Centro de Estudos e Investigações Técnicas de Submarinos, que já vai na sua milésima imersão atingindo a marca de 220 metros sem contrariedades. No último ensaio foi submetido a uma compressão rápida que o levou em 25 segundos a uma profundidade fictícia de 220 metros (22 bares) e em seguida a uma descompressão ao ritmo da que se prevê para um náufrago que vem à superfície. De todas as experiências se verificou que, até à profundidade de cerca de 200 metros, não são de recear acidentes por descompressão. Os estudos prosseguiram no sentido de alcançar maiores profundidades de salvamento, tendo-se atingido os 300 metros. Para tanto foi necessário retardar um pouco o ritmo da subida o que, no caso de um náufrago, se consegue com o auxílio de uma espécie de drogue que abre na água automaticamente. Funciona à maneira de pára-quedas e, por trabalhar ao contrário deste, foi designado por «paramonte» (pára-subidas).

As experiências piloto de compressão e descompressão têm sido levadas a cabo com porcos por serem estes animais os



O porco «Ben-Hur» na câmara hiperbárica para uma experiência.

que mais se parecem com o homem do ponto de vista cardio-respiratório.

Os americanos puseram em prática um sistema de salvamento das guarnições dos submarinos em águas profundas utilizando submarinos especiais de salvamento (D. S. R. V.). A operação desenrola-se da seguinte forma:

Um avião de carga transporta o D. S. R. V. (deep submergence rescue vehicle) até um local próximo do sinistro enquanto outro submarino especialmente equipado com um berço para transporte do D. S. R. V. se dirige também para o local. Uma vez colocado o D. S. R. V. a bordo deste submarino, este dirige-se em imersão à velocidade de 15 nós até ao sítio onde se encontra o submarino sinistrado. Aí, separa-se o pequeno D. S. R. V. que se deslocará à velocidade de 3 nós até se colocar por forma que o seu sino ou campânula de junção se adapte por cima da escotilha daquele, recuperando então os náufragos. Tem capacidade apenas para 24 homens pelo que deverá efectuar várias viagens entre o submarino em dificuldade e o submarino de transporte. Estão já a ser equipados muitos submarinos operacionais por forma a permitir este tipo de operação de salvamento.

O. Lemos
Cap.-frag.

Boas Festas

Agradecemos e retribuímos as Boas Festas que tiveram a gentileza de nos enviar as seguintes entidades:

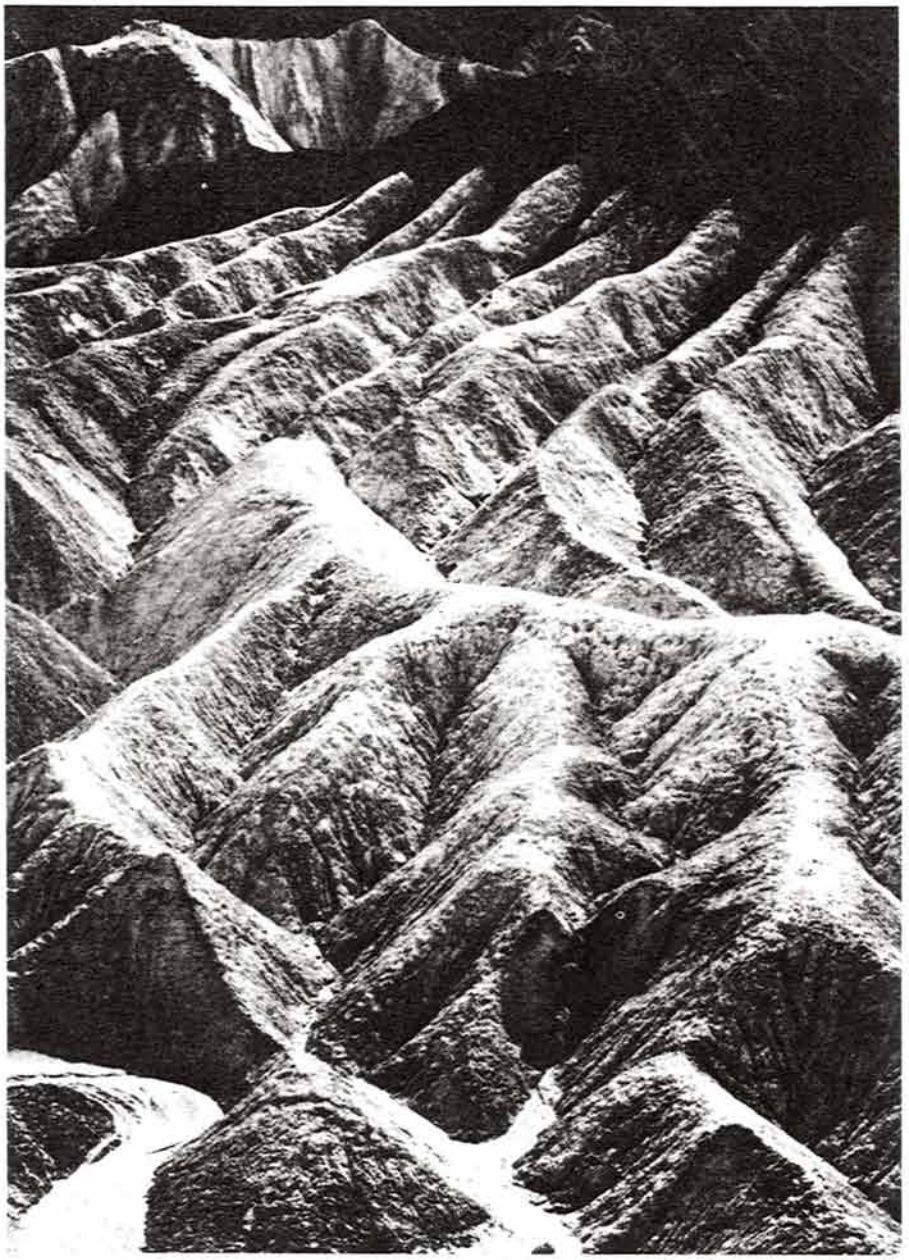
Liga dos Combatentes (Delegações de Oeiras, Santarém e Alcácer do Sal); António Duarte Vieira, de Lisboa; Clube do Sargento da Armada; 1.º-sarg. C Horácio Gonçalves Torres, de Macau; Manuel Jorge Cruz Cunha, ex-mar. FZ, de Mem Martins; Emílio Valadares, ex-cabo C; Ramiro Martins, ex-mar. R, de Londres; António Joaquim Nabais, chefe da Polícia Marítima, de Lisboa, e José Oliveira Santos, cabo L, de Lisboa.

David da Silva Martins, ex-mar. C, de Vilarinho; 1.º-ten. SG Manuel do Nascimento, da Foz do Douro; 1.º-sarg. M João Gonçalves Martinho, do G2EA; Adelino Nunes Diogo, de Espinho; Joaquim António Gonçalves, agente da Polícia Marítima, de Matosinhos; sarg.-aj. Arides Pires da Rosa, de Aveiro; Manuel António Pires, de Lisboa; comandante António Luciano da Silva, do Cacém; Manuel Alves de Araújo, de Mouquino, e comandante José Ferreira Braga de Pina Cabral, da Parede.

N. R. — Por nos parecer um caso especial, publicamos a carta de Boas Festas que nos foi dirigida por uma menina (Cristina Maria da Silva Magalhães) de 10 anos de idade, que fala por si:

«Senhor Director da «Revista da Armada»:
«Desejo que passe um Ano Novo muito feliz e que a nossa querida Revista tenha artigos cada vez mais interessanees e divertidos.
«Desejava que passássemos um 1976 cheio de alegria e paz e que os homens não se esqueçam de que todos somos irmãos e que para isso têm de acabar com as guerras, que só matam e trazem fome.
«Um Ano Novo muito próspero a todos são os sinceros votos da leitora e amiguinha.»

Ciências Artes e Letras



Vista aérea nas proximidades do Vale da Morte na Califórnia, fosso tectónico 84 metros abaixo do nivel do mar. Esta região tornou-se desértica pelo facto da Serra da Nevada impedir que cheguem até ali os ventos oceânicos de oeste carregados de humidade.

A TERRA E O HOMEM

Tradicionalmente, as eras geológicas são divididas da seguinte forma:
– *PRECÂMBRICA,* que vai desde os 3 biliões e 500 milhões de anos até aos 500 milhões de anos antes da nossa era;
– *PRIMÁRIA* ou *PALEOZOICA* que vai desde os 500 milhões até aos 190 milhões de anos a.C.;
– *SECUNDÁRIA* ou *MESOZOICA* que vai desde os 190 milhões até aos 70 milhões de anos a.C.;
– *TERCIÁRIA* ou *CENOZOICA* que vai desde os 70 milhões até um milhão de anos a.C. sendo o último período desta era – o Pliocénio – formado pelos seus últimos 10 milhões de anos;
– *QUATERNÁRIA* que vai desde 1 milhão de anos antes da nossa era até aos nossos dias, compreendendo o período quaternário antigo – o Pleistocénio – e o período quaternário recente – o Holocénio – que decorre entre os 10 000 anos e a presente data.

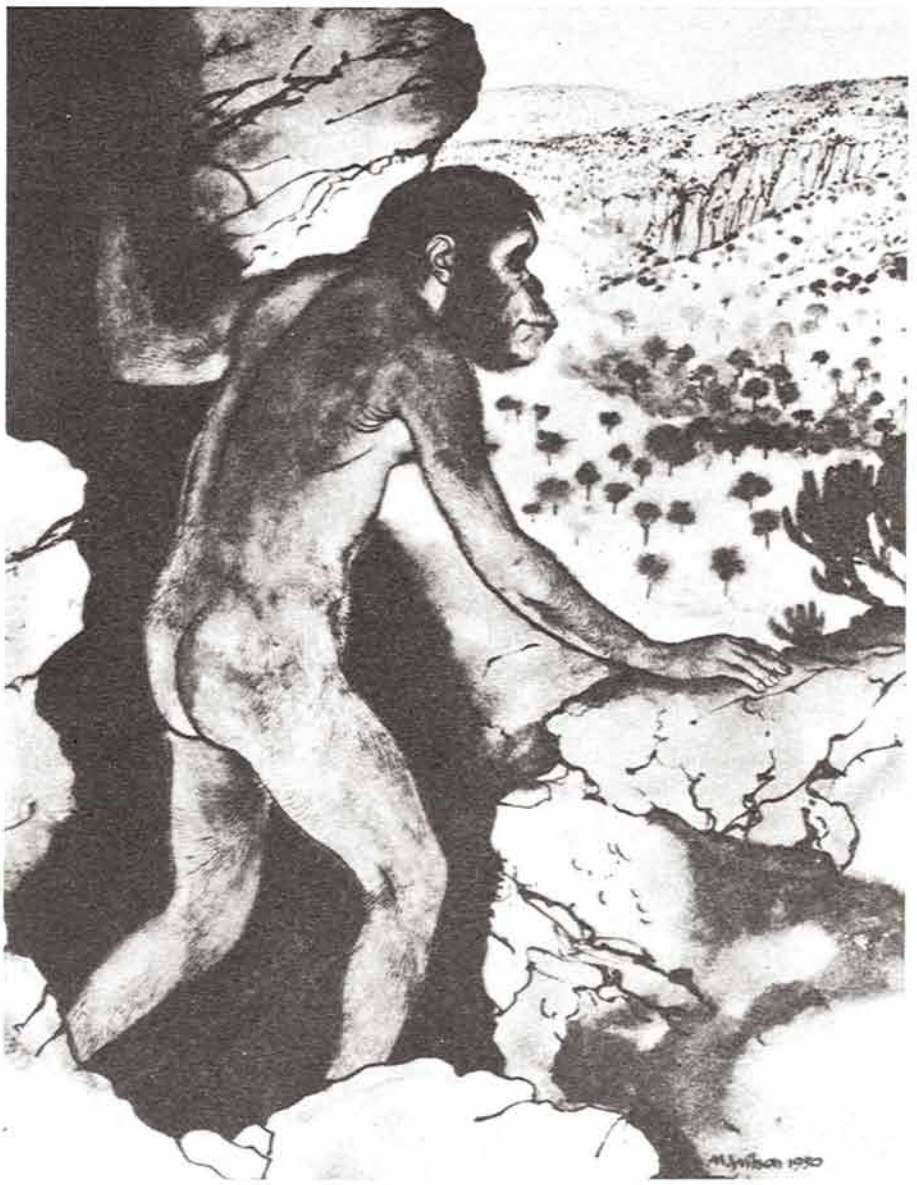
O homem, tal como o conhecemos e cuja espécie é designada por «homo sapiens», apareceu no Pleistocénio. Ao longo desse milhão de anos a espécie que daria o «homo sapiens» foi sofrendo transformações profundas e evoluiu até atingir os estádios superiores de desenvolvimento que caracterizam a espécie actual. É curioso, no entanto, constatar que o período «Quaternário», apesar da sua curtíssima duração em relação aos anteriores, apresentou transformações de tal modo profundas e mudanças quer geográficas, quer climatéricas e biológicas de tal forma significativas que se torna legítimo distingui-lo dos outros.

A enorme extensão das terras que então emergiram das águas, as dimensões que atingiram os grandes planaltos, a altura a que se elevaram as cadeias de montanhas, fazem com que o Pleistocénio se possa considerar um período geológico fora do comum. Este período coroa, por assim dizer, toda a evolução geológica da era terciária que é, no seu aspecto geográfico, excepcional. A paisagem diversifica-se e apresenta aspectos de grandiosidade e contraste que centenas de milhões de anos antes não existiam. Nessas eras recuadas as grandes extensões continentais eram separadas por pequenas colinas de cumes arredondados e o clima, a vegetação e a fauna apresentavam poucos contrastes.

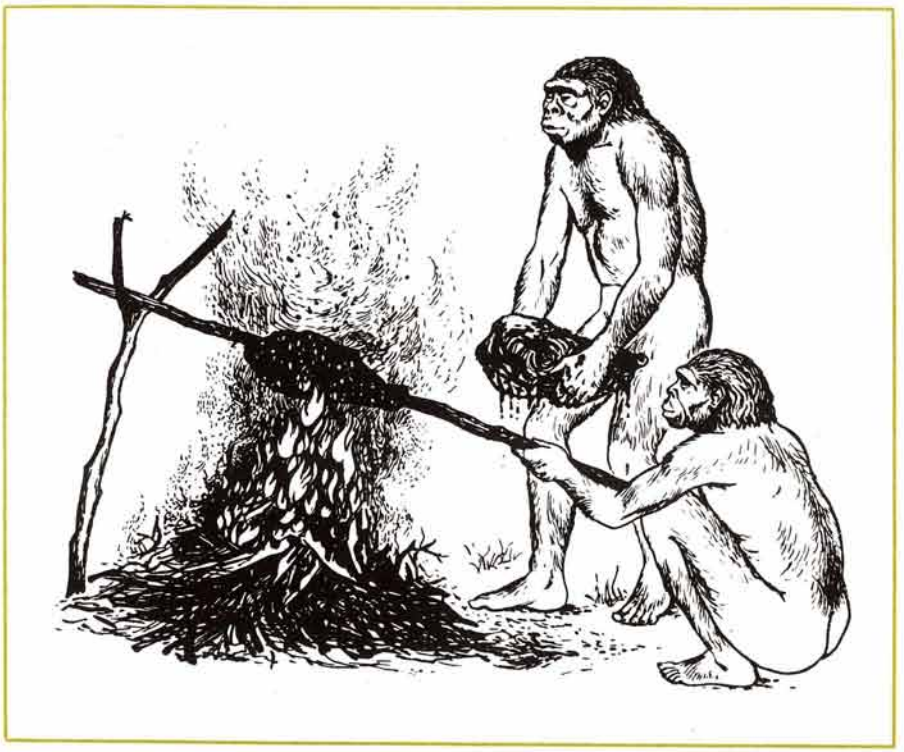
O Pleistocénio apresenta-se como um período singular devido principalmente à violência e extensão das suas fases glaciares. No ponto culminante dessas glaciações as camadas de gelo e os glaciares cobriram um terço da superfície da Terra. Durante os anteriores duzentos milhões de anos nada de semelhante se passara, pois só na transição da época primária para a secundária se verificou uma outra fase glaciar cujos efeitos, no entanto, parece terem sido menos extensos e menos profundos. O Pleistocénio foi uma era de formação de montanhas e glaciares e muito embora separemos dela os últimos 10 000 anos – o Holocénio – o certo é que ainda nos situamos num período que faz parte daquela era. Se bem que estejamos numa fase de regressão glaciar não podemos esquecer que vivemos nos planaltos que se formaram na era Terciária e no Pleistocénio, e que os fenómenos que lhe deram lugar continuam a manifestar-se em nosso dias através de cataclismos da crosta terrestre que têm custado milhões de vidas à humanidade.

Na era Terciária, os grandes mamíferos substituiram os grandes répteis e levantaram-se as cordilheiras e planaltos que formaram o novo cenário para o advento das novas espécies, entre elas o homem.

As causas dos avanços e recuos das calotes glaciares polares permanecem ainda obscuras e não são os levantamentos de montanhas como os Himalaias, os Alpes e as Montanhas Rochosas que as podem explicar. Os arrefecimentos terão sido devidos a alterações substanciais no nível de radiação solar que atingia a Terra. Antes do aparecimento das glaciações, a temperatura à superfície da Terra era muito superior à média actual e sujeita a variações muito menores. As palmeiras e os crocodilos davam-se por exemplo nas latitudes da Europa central e as actuais florestas



Reconstituição de um australopiteco, antepassado do homem há mais de 500 000 anos.



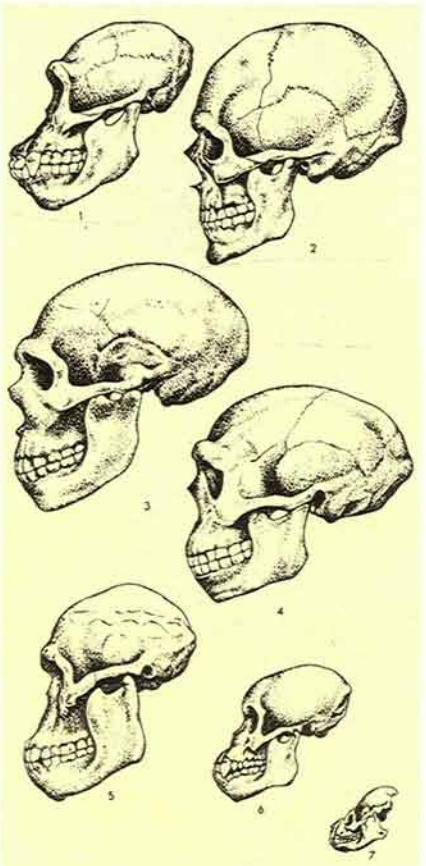
Pithecanthropus pekinensis, ou também chamado «homem de Pequim» que viveu há 500 000 anos.

dos climas temperados com árvores de folha caduca como o ulmeiro e a faia cobriam então regiões como o Alaska, a Groenlândia e a Sibéria do Norte.

O pleistocénio começa com os primeiros indícios de glaciação e com o aparecimento do cavalo actual, dos elefantes, dos camelos e das primeiras espécies humanas; conheceu quatro períodos glaciares entrecortados por períodos intermédios de recuo dos gelos – fases interglaciares.

As quatro fases de avanço dos gelos foram designadas pelos nomes de Günz, Mindel, Riss e Würm que são nomes de rios alpinos. A terceira – Riss – foi a mais intensa de todas e a última – Würm – teve quatro máximos distintos entrecortados de ligeiras subidas da temperatura média.

As épocas glaciares produziram deslocamentos sensíveis das zonas climatéricas e do regime de ventos e chuvas. Certas zonas que hoje são desérticas foram então regiões húmidas e regadas por chuvas copiosas. Os homens que começaram a estabelecer os seus agregados paleolíticos durante o Pleistocénio foram afectados por estas glaciações intermitentes. Viram-se obrigados a lentas e penosas migrações, estabelecendo-se então em regiões que hoje em dia são desérticas. Cada época glaciar teve extensão diferente e, na mais intensa, a calote polar ártica chegou à latitude de 48° N unindo-se aos glaciares das montanhas Britânicas. Cobria praticamente todo o Mar do Norte que, na restante parte, estava seco. Admite-se que o rio Reno, terá sido desviado nessa altura para oeste rasgando o estreito de Calais entre a França e a Inglaterra.



Evolução dos primatas:
1. Chimpanzé actual
2. Homem actual
3. Homem de Neanderthal
4. Homem de Pequim
5. Austrolopeco
6. proconsul africano
7. Lémur antigo

No golfo de Bótnia, no mar Báltico, a espessura dos gelos atingia três quilómetros. A imobilização, na calote popular, desta quantidade enorme de água reduziu o volume dos oceanos e o seu nível, mesmo considerando o abaixamento do solo provocado pelo peso dos gelos. Na Europa, os Pirinéus, os Apeninos e os Cárpatos formaram glaciares que cobriram 28 600 quilómetros quadrados de extensão, atingindo a espantosa espessura de 4,5 quilómetros. A Inglaterra transformou-se numa espécie de Escandinávia. O que se passou na Europa, teve correspondência semelhante na América do Norte, na Ásia e no hemisférico sul.

Estas mudanças climatéricas foram da maior importância para a evolução da humanidade. O deslocamento em direcção ao Equador das calotes polares fez com que todo o sistema de ventos e ciclones baixasse em latitude cerca de 15° a 20°.

Assim, a África, o Mediterrâneo, a Ásia Menor, a Ásia Central e a China do norte, o sudoeste dos Estados Unidos e o sul da América do Sul tiveram estações chuvosas como as das actuais zonas temperadas. Os rios engrossaram, os lagos existentes subiram de nível e encheram-se outras bacias hidrográficas que agora estão em seco. A vegetação cobria zonas que agora são desérticas. O mar Cáspio e o mar de Aral eram

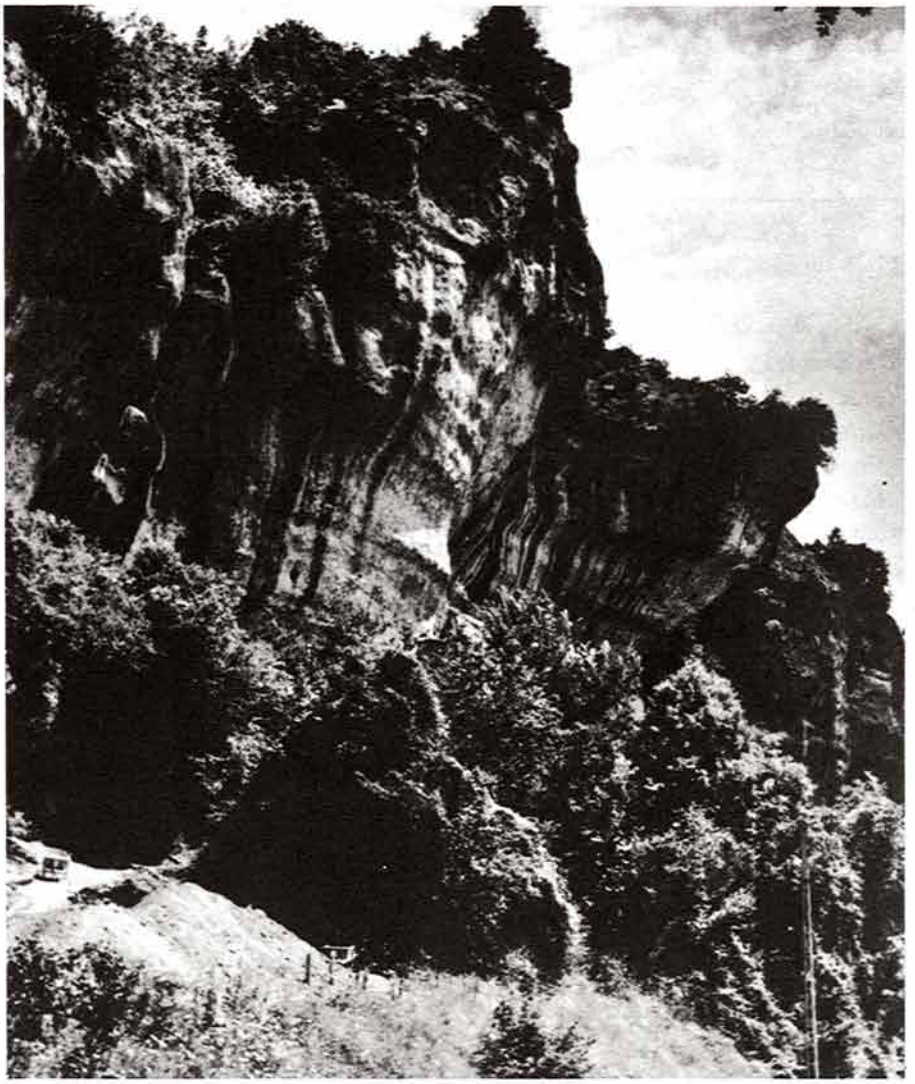
um mar único e bem assim o mar Negro e o mar de Azov. O Mar Morto, na Palestina, tinha um nível 450 metros acima do actual e uma extensão de 320 quilómetros. No Saará existiam dois enormes lagos nas bacias do Fayoum e do Kharga da mesma forma que muitos lagos de grande extensão cobriam os actuais territórios do Quénia e da Abissínia.

As glaciações tiveram ainda outras consequências curiosas nas migrações do homem e dos animais. O volume de águas retido para formar os gelos das calotes polares fez baixar o nível dos oceanos do globo, calculando-se que na fase máxima da 3.ª época glaciar o nível do mar tenha baixado cerca de 120 metros, enquanto que na última teria descido cerca de 60 metros. Se as actuais calotes polares se derretessem (para o que aliás parecem caminhar) o nível dos mares poderia elevar-se uns 50 metros.

Os abaixamentos que se produziram no nível dos mares, deixaram a descoberto passagens que hoje não existem e por onde os homens e animais puderam atravessar para efectuar o povoamento de outras terras e continentes, ficando depois isolados. A América do Norte ligava-se então à Ásia estando a seco o estreito de Béring. O Japão unia-se à Sibéria; a Tasmânia e a Nova-Guiné à Austrália e as Ilhas de Sumatra, Java e Bornéo formavam um só corpo com a Malásia.

A evidência arquelógica e zoológica faz supor que as Celebes, e as Filipinas se juntaram ao continente chinês através da Formosa. A Inglaterra esteve ligada ao continente europeu várias vezes e a última separação data de há 8000 anos.

E foi assim que, quatro vezes durante o Pleistocénio, as grandes massas de gelo avançaram e recuaram sucessivamente, deixando, em cada recuo, os detritos que haviam arrastado – as moreias, as grandes extensões de argila e cascalho que formariam terras que o homem haveria depois de cultivar.



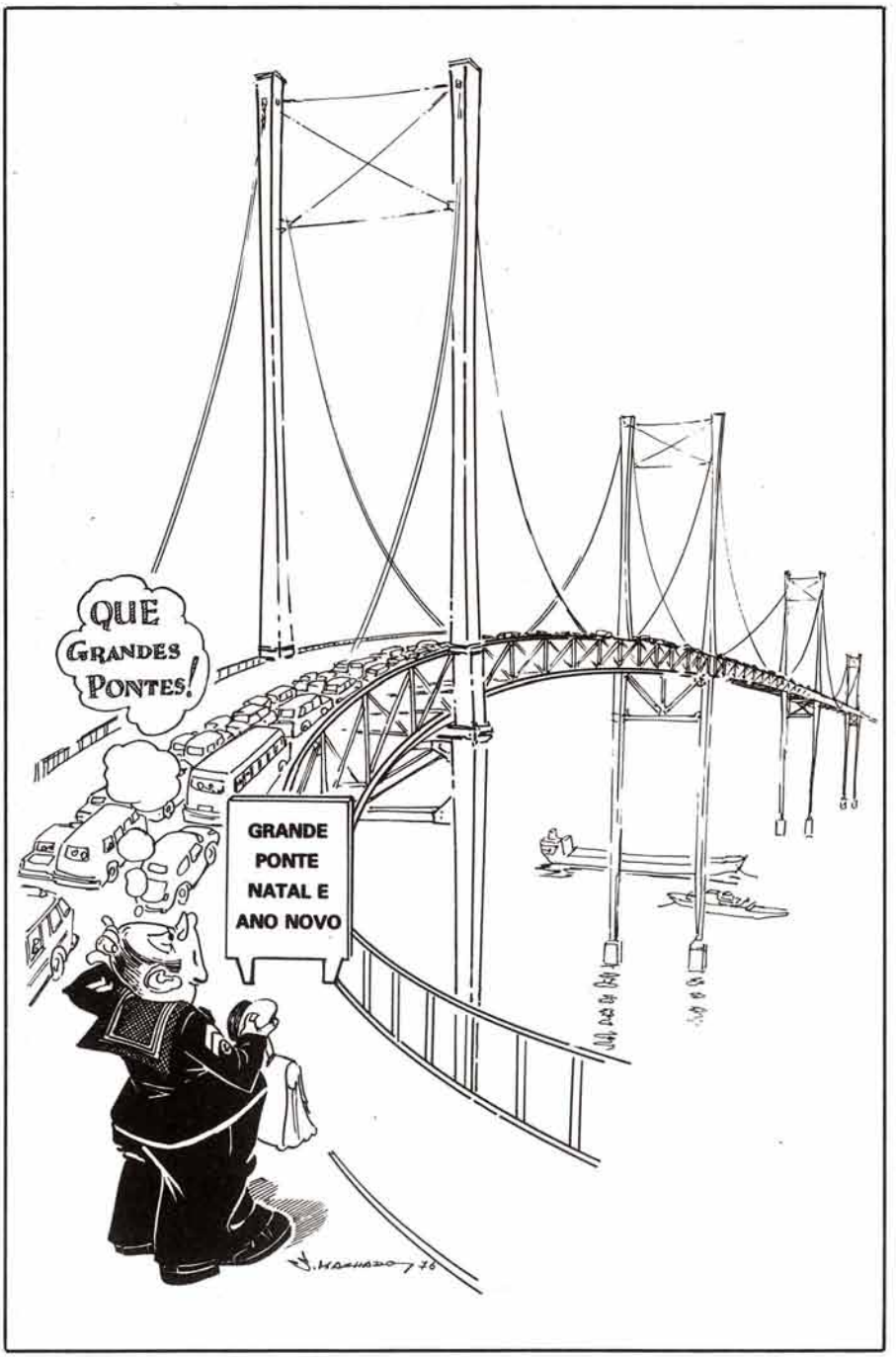
Cavernas que foram habitadas no paleolítico e existentes na Dordonha, em França, junto das falésias cavadas por cursos de água que hoje não existem.

Processou-se uma emigração geral da vida animal ao sabor destas variações climatéricas. Embora se trate de um período curto demais para que surgissem novas espécies, as que havia foram, no entanto, obrigadas a mudar de região ao sabor do fluxo e refluxo dessas marés glaciares. Foi uma prova duríssima a que não resistiram muitas das espécies que povoavam então a Terra e que só conhecemos através dos respectivos fósseis. O homem pôde resistir mercê do seu poder de adaptação e da sua resistência, obrigado sem dúvida a migrações penosas entre a Europa e a África e entre o norte e o sul da Ásia. Isto contribuiria inevitavelmente para estimular o desenvolvimento das suas faculdades intelectuais. Hoje estamos na fase de retirada da quarta glaciação. O degelo faz-se por fases intermitentes de pequenos recuos e avanços e sabe-se que entre 4000 e 2000 anos a.C. se verificaram condições climatéricas óptimas, com temperaturas médias superiores às actuais. O homem aproveitava essa circunstância para abandonar um tanto ou quanto o nomadismo da sua subsistência de caça para se fixar na mais promissora economia agrária de cariz sedentário com vista às civilizações futuras.

O. Lemos
Cap.-frag.

CARTA DO «PEZINHOS», CABO M

«Alfeite, 6 de Janeiro de 1976.
«Peço desculpa desta carta ir tão atrazada. A culpa é da Revista que só sai de mês a mês e que, ainda por cima, tem de entregar os originais com um mês de antecedência...



«Canta-se por aí, com muito entusiasmo e vibração:

«Queremos um país novo
«Assim é que é...»

«Pois sim, vejam lá o que foi o fim do ano de saudosa memória que há pouco findou.

«Eu, como marujo da velha guarda que sou, habituei-me a não ter domingos nem feriados e a trabalhar quando é preciso. Quantos desses dias, quantos Natais e Anos Bons, quantos dias santos e festivos, passei a bater cabeça por esses mares, sem ganhar por isso nem mais um pataco!

«E porque, desde que desembarquei ando desnorteado e sempre a «dormir na forma», na véspera do Natal, dia 24, fui pacatamente até à Repartição ver o que se passava. Claro que quando lá cheguei já ia desconfiado porque tinha visto tudo fechado e as ruas quase desertas...

«Não estava ninguém na Repartição. Havia tolerância de ponto para aproveitar a «ponte»...

«Fui para casa muito aborrecido, à noite comi a tradicional bacalhoada, dormi até às tantas no dia de Natal, almocei as sobras da véspera e fui passar a tarde e jantar com os meus compadres à Outra Banda.

«No dia 26, sexta-feira, novamente a «dormir na forma», fui para o meu serviço. A minha patroa pediu-me para de caminho ir trocar uma camisa que tinha comprado na Baixa para dar de presente a um sobrinho e que não lhe servia. A camisaria estava fechada, como aliás tudo o resto; na Repartição também não havia ninguém. Estávamos ainda na «ponte»...

«O dia 27 era sábado, tudo fechado, continuava a «ponte»...

«Domingo era domingo, e na segunda-feira lá fui. Desta vez sim, a Repartição estava activa, mas funcionando a meio gás. A me-

tade do pessoal que não tinha tido 5 dias no Natal (que afinal como vimos até teve...) tinha-os agora no Ano Bom. Assim, por obra e graça do Menino Jesus, os cinco dias transformaram-se em dez, os quais, acrescidos dos sábados e domingos, que não contam, acabaram por somar... 14!!!

«E foi mais ou menos assim o fim de 1975. Trabalhadores do pão, do lixo, do comércio, dos bancos, dos restaurantes e pastelarias, dos cafés, da função pública, da construção civil, das fábricas e... não só, todos tiveram «merecido» repouso, todos puderam gozar as suas festas.

«Que importa que o lixo se acumule nas ruas pondo em perigo a saúde pública? Que importa que a população coma pão duro como as pedras? Que importa que alguns queiram mandar uma carta ou vale de correio? Que importa que alguém queira tratar disto ou daquilo? Espere. Tenha calma. Então os trabalhadores não hão-de ter o seu descansozinho? Era o que faltava?

«Queremos um país novo?
«Pois assim não vamos lá...»

LUTA DE GIGANTES

I

Contava a lenda de então
que o gigante Adamastor
destroçava em sua mão
todas as naus com furor.

II

Tudo fazia tremer
e tanto medo fazia
que para o ir combater
ninguém se atrevia.

III

Mas eis que surge uma voz
que se ergue para dizer
para o mar iremos nós
o gigante combater.

IV

Fazem-se as naves ao mar
para o monstro ir combater
sem intenções de voltar
se o não pudessem vencer.

V

Quando o gigante avistaram
sem que fossem pressentidos
o céu olhando rezaram
estando a vencer decididos.

VI

O gigante quando os viu
a sua voz trovejou
a eles se dirigiu
com arrogância falou

VII

Que viésteis cá fazer
decerto sabeis quem sou
tendes pressa em morrer
p'ra vos matar aqui estou.

VIII

Toda a esquadra se portou
com coragem e galhardia
o capitão o olhou
e com orgulho respondia.

IX

Cala-te aí óh gigante!
não nos fazes assustar
somos de nação valente
viemos para lutar.

X

O vento muito soprou;
as ondas muito bateram;
mas nem um só assustou
dos heróis que o venceram.

XI

Só vós pudésteis vencer
sois pois um povo aguerrido
gostaria de saber
porque força fui vencido.

XII

O capitão respondeu
mostrando o pendão real
foi a fé que te venceu
e o povo de Portugal.

Agostinho Raposo
Mar. A n.° 1589/70

Colecções da «Revista da Armada»

Na Secretaria da «Revista da Armada», no Ministério da Marinha, podem ser adquiridas colecções dos números saídos, encadernados em capas próprias.
O primeiro volume – n.os 1 a 30 – importa em 115$00. O segundo volume – n.os 31 a 53 (a encadernação comporta até ao n.° 60) – é vendido por 140$00.
Estas colecções podem ser enviadas pelo correio a quem o solicitar, sendo, neste caso, aquelas importâncias acrescidas do custo dos respectivos portes dos CTT.

Onde estamos em Matemáticas?

É reivindicação dos matemáticos que a matemática é a rainha das ciências, mas a contestação não lhe deu margem de votos que contem vitória. Convenhamos que a matemática é, por ventura, mais serva que rainha, posição de que aliás pode orgulhar-se, não por se alinhar, aqui, e agora, no clâmor de exaltação aos explorados, mas por ser honra, sempre, servir. Não servir é que é lástima...

O que não se retira à matemática é servir como espinha dorsal, como estrutura, de toda a evolução tecnológica do mundo moderno. Os que jogam nas ajudas do acaso, os que aguardam o progresso como fruto de aperfeiçoamento artesanal apostam no subdesenvolvimento. Para muitos, a matemática é algo de enfadonho e abstracto que vem da antiguidade, e se repete aos alunos das escolas, das infantis às superiores, um pouco para lhes desenvolver a inteligência, um pouco para que, mais tarde, possam resolver certos problemas da vida. A verdade (pensam os que resolvem, depois, tais problemas) é que nunca mais precisaram de saber demonstrar o teorema de Pitágoras, nem de desenvolver expressão com integrais. A matemática, oscila, assim, entre qualquer coisa com ressaibos de utilidade e uma invenção para massacrar cérebros inocentes. Em resumo, tudo quanto vai além das quatro operações elementares, parece supérfluo.

Não vamos fazer o panegírico da matemática (nem a matemática necessita do nosso modesto apoio), mas vamos abordar um aspecto, talvez menos divulgado, sobre a evolução desta ciência, que se operou em tempos mais recentes do que muita gente supõe.

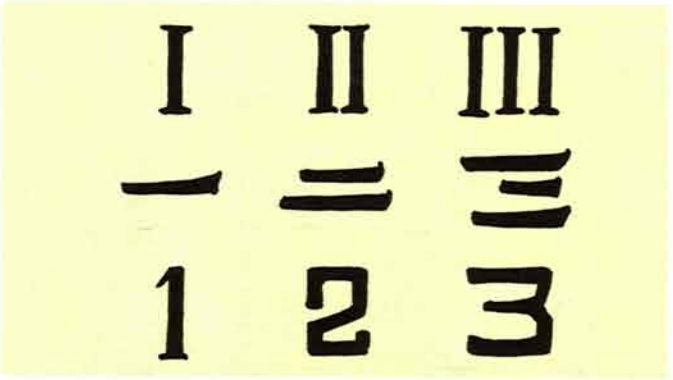
Os mais altos espíritos da astronomia, que têm, por tão certo, haver outros seres, noutro planeta, de outra estrela, dos milhões de estrelas da nossa galáxia, ou dos milhões de galáxias do universo acessível, como é provável a continuada sucessão dos dias e das noites, pensam que o primeiro sinal, a mensagem a chegar, nalguns instantes, desses confins, será de, ou conterá, elementos matemáticos. Porquê? Por ser essa, fora de dúvida, a mais universal linguagem que o homem construiu. E a mais rigorosa, também.

O contar pode, com efeito, não estar ainda desenvolvido, mesmo entre certos ramos humanos do planeta Terra. Comunidades sociais da Amazónia ou da Nova Guiné parece não terem estabelecido um sistema de contagem para cima de 3. Mas dois, para eles, é o mesmo dois que para toda a humanidade. Sê-lo-á, pois, com toda a probabilidade, para seres inteligentes de outros mundos. Basta, assim, que um dia se capte qualquer sinal, formado que seja por simples pontos de morse, repetidos de forma que se reconheça intencional, para, através da resposta, o grande diálogo. A primeira fase, será, no entanto, assentar em regras próprias, no código descodificado.

É evidente que toda a conversa requer gramática. No nossa conversa diária, comum, estamos continuamente a aplicar gramática (por vezes, com pontapés, coitada), mas, sem gramática, não nos entenderíamos. Para «falar» matemáticas é necessário assentar na gramática própria. Nós usamos símbolos, a que chamamos algarismos, afinal códigos para representarem grandezas, ou quantidades. Usamos outros símbolos para indicar operações, relações lógicas, números especiais. Estes símbolos, no fundo, significam apenas que a gramática assente é a mais rigorosa e compreensível, a ponto de não serem necessárias explicações complementares. E como chegámos a ela?

A matemática tem evoluido de tal forma que, se há um século, aproximadamente, qualquer matemático poderia abarcá-la toda de forma razoável, hoje, um perito nesta ciência pode, e já não é mau, ter uma ideia geral da sua extensão, obrigando-se, todavia, se quizer profundá-la, a optar por um ramo específico. Como é curioso o mundo humano dos nossos dias: enquanto alguns grupos de pessoas não possuem uma noção de quantidade que ultrapasse 1, 2 ou muitos, a matemática torna-se, para outros, ferramenta de trabalho com ramos especializados.

A contagem propriamente dita começou relativamente tarde na vida do homem. Crê-se ter sido já na sociedade histórica que a noção de número se generalizou. A sua representação seguiu-se-lhe, naturalmente, com variantes muito curiosas, algumas das quais remanescentes. Repare-se por exemplo que muitos relógios exibem ainda numerais romanos, quando já não se usa mais tal representação em qualquer cálculo. Os algarismos que hoje nos são familiares foram-nos transmitidos pelos árabes do Ocidente que nos trouxeram dos árabes do Leste, e estes dos índus, os índus, provavelmente, da China. Os algarismos 1, 2 e 3 que os chineses usam, hoje, são exactamente como os índus de antes de Cristo. O nosso número três pode aparen-



Os algarismos 1, 2 e 3 tal como eram representados pelos romanos, e como se representam, ainda hoje, na China, e no ocidente do séc. XX.

tar-se perfeitamente com o chinês.

É curioso que os algarismos iniciais não incluiam o zero. Este apareceu relativamente tarde na família. Com efeito, se pensarmos que os algarismos nasceram de sinais ou notações, para representarem quantidades, é lógico não se ter inventado nenhum para a quantidade que... não era quantidade. Os romanos não tinham zero. Por cerca do ano 825 é que um matemático árabe, Al Kowar Ismi, recomendou, em livro que escreveu sobre numeração, que se adoptasse uma noção de base dez, isto é, que o número dez fosse construido a partir do algarismo 1, deslocado este para a esquerda, e colocando-lhe à direita um outro sinal sem valor que ele sugeria até que fosse uma roda vazia – o zero.

Só duzentos anos depois esta ideia chegou à Península, e daqui se propagou à Europa, onde passou a ser conhecida por numeração de Cobar ou Govar, provavelmente do nome do seu autor. Aponte-se, como curiosidade, que já nos fins do século XIII as autoridades de Florença, então grande centro de comércio, proibiam o uso do zero, por ser fácil de falsificar para 6 ou 9...

Mas não foram só as autoridades a reagirem contra a inovação. Até os matemáticos. O sistema de base dez não se revelava, de facto, tão flexível como o sistema em uso, de base 60, ou sexagesimal. Este, conquanto mais complexo, mostrava-se mais adequado à representação de quantidades parciais. É, aliás, sistema ainda usado, hoje, para a contagem das horas nos seus submúltiplos de minutos e segundos. É o sistema adoptado para as unidades angulares: o círculo de 6x60 graus, o grau de 60 minutos, o minuto de 60 segundos. Sistema que perduraria, portanto.

A anotação de quantidades parciais na base dez, apareceu, com efeito, bastante depois. Para nós, é muito fácil compreender o que significa um número com a forma 8,57: são oito unidades, cinco décimos e sete centésimos. Mas o aparecimento da vírgula, assim, no meio de algarismos, não foi milagre. Foi evolução. A vírgula, que nós hoje fazemos deslocar tantas casas à direita ou à esquerda, consoante queremos multiplicar, ou dividir, uma ou mais vezes, por dez, só ingressou nos anais da matemática pelo século XVII. Já os portugueses e espanhóis tinham trilhado os caminhos oceânicos, revelado a América e o Brasil, feito a primeira circum-navegação, ainda ninguém se lembrava de aplicar a vírgula no meio de algarismos, para representar fracções ou partes da base dez.

Nos nossos dias, então, a matemática multiplicou os símbolos, adoptou palavras como anel, grupo, conjunto, corpo, os conjuntos numéricos são estudados como complexos de estruturas interligadas, com um rigor a que preside, sobretudo, a lógica. Uma certa lógica. Dos números racionais passou-se aos irracionais e imaginários, palavra esta que não traduz exactamente tais conjuntos, levando a crer que se trata de números existentes apenas na nossa imaginação, quando a verdade é serem números com existência tão real como quaisquer outros.

E pergunta-se: aonde estamos, nas matemáticas? No limiar ou no topo?

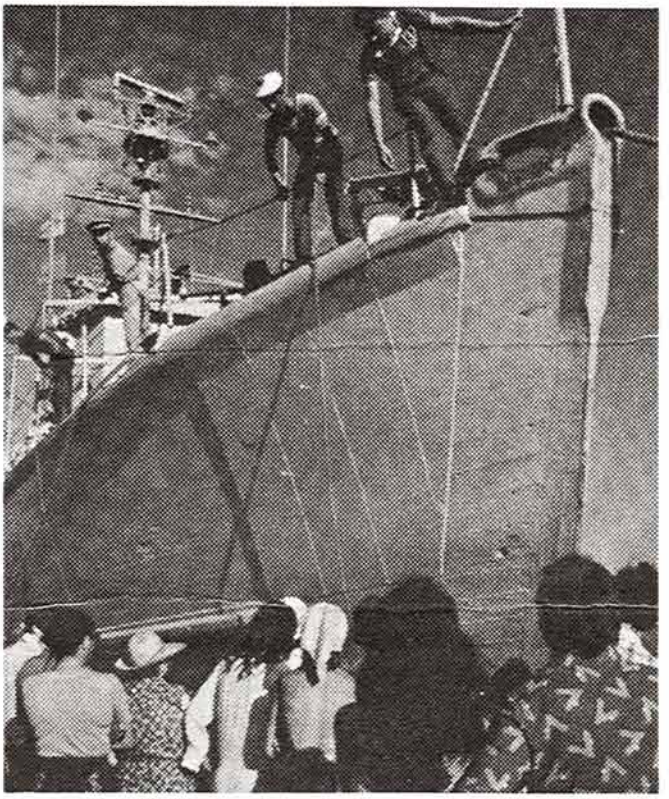
A resposta só pode ser, obviamente, que estamos apenas num passo da evolução. A retrospectiva de relance dá-nos a impressão da ciência cheirar ainda a cueiros. De andar a tentear. De procurar sacudir as cascas do ovo.

De súbito, nos nossos dias, voltou-se, por exemplo, ao sistema mais primitivo de contagem na base dois. Fazer contas apenas com dois algarismos: o zero e o um. O sim e o não duma lógica absoluta. É imposição, como se sabe, da utilização da corrente eléctrica em máquinas de calcular. A corrente eléctrica só tem duas variantes de lógica extrema: ou passa, ou não passa. Maior intensidade, menor intensidade são subtilezas, são condições inseguras, de difícil definição, com que a matemática não se satisfaz. A matemática é ciência das coisas exactas, absolutas. Do sim, e do não. Portanto, em estados eléctricos, ou o circuito está fechado, ou aberto. Em estados magnéticos, ou o campo é num sentido, ou em sentido inverso. Isto obrigou a voltar ao sistema de base dois: a corrente passa – é um; a corrente não passa – é zero.

Assim, quando os astrónomos fazem construir na superfície do planeta grandes estações de escuta, quais microfones imensos voltados para o universo, a aguardar a chegada de qualquer sinal «inteligente» do exterior, que supõem será matemático, os homens entre si vão evoluindo na gramática, ou regras dessa ciência – exacta, sim, mas talvez na infância – não vão outras inteligências extra-terrenas pôr questões que nem sequer aqui se saibam interpretar. A matemática, tanto como qualquer outro ramo do conhecimento, é apenas ciência em evolução.

S. Machado
Cap.-m.-g.

A Marinha na Paz



Com este título, publicámos, no n.º 47, uma nota de abertura em que sugerimos a realização, pelos nossos navios de guerra, de umas curtas viagens destinadas a dar a conhecer o mar, e os próprios navios, aos portugueses que não são marinheiros. É possível que alguns leitores tenham esboçado um sorriso irónico, considerando a ideia como uma utopia. Como podem verificar pelas traduções livres dos dois artigos que se seguem, de «Cols Bleus n.º 1392, de 13 de Setembro de 1975», não descobrimos nada que se não faça já noutras marinhas:

EXPERIMENTE FAZER LEME

Há cinco anos que pequenos navios de guerra, draga-minas, escoltadores costeiros e caça-minas percorrem, durante dois meses, no Verão, a costa francesa, acompanhados por uma caravana exposição. Há cinco anos que os veraneantes descobrem a Marinha, com interesse, curiosidade, por vezes com espanto. Há cinco anos que jovens embarcam, em saídas para o mar e se iniciam nas funções de vigias, de homem do leme, etc.

Mas, este ano, pela primeira vez, foi o ano da mulher. Raparigas novas foram convidadas a viver algumas horas da sua vida num navio de guerra. E se as vimos nas cozinhas, esfregões na mão ajudando a lavar, também as vimos ao leme mostrando que são capazes de manter o rumo. Muitas delas mostraram-se pesarosas de não se poderem alistar na Marinha e navegar, o que os marinheiros lamentavam igualmente... Eles ficavam admirados mas ao mesmo tempo orgulhosos quando os convidados lhes diziam: «Como é grande o vosso navio!» E como estava orgulhoso um timoneiro de 15 anos que até à véspera nunca tinha andado no mar e que já o marcava com uma esteira bem pessoal! Sobre o cais, jovens e não jovens, comprimiam-se à volta da caravana para obter um «auto collant» ou um poster representando um pequeno marinheiro em frente duma grande roda de leme, ou para participar nos jogos, animados com entusiasmo pelos especialistas ocasionais da caravana. Outros visitavam a exposição, admirando fotografias e maquetes de navios e, por vezes, documentando-se sobre as várias possibilidades de carreiras na Marinha.

À noite, as sessões de cinema atraíam numeroso público.

Os contactos foram numerosos e muito calorosos; com as associações de antigos marinheiros, que frequentemente desempenhavam um papel activo na preparação da «tournée»; com os municípios geralmente muito acolhedores; com as populações locais que em certos casos convidava os marinheiros para sua casa; com a polícia, bombeiros e diversas unidades do Exército.

Se é fácil cálcular o saldo numérico desta campanha de informação: 24 portos visitados, 80 000 visitantes e 2300 jovens no leme, é, em contra partida, bem difícil avaliar o seu impacto real. Parece, no entanto, sem vaidade que, a Marinha tem uma boa reputação e que esta é a melhor maneira de a conservar. Muitos desconhecem-na fazendo dela uma imagem deturpada, mesmo que seja benevolente, e para estes é importante rectificá-la face à realidade. Os 13 navios e a caravana que, entre 4 de Julho e 29 de Agosto de 1975, representaram a Marinha e os marinheiros em todo o litoral

da França, deixaram, certamente, uma boa impressão da sua eficácia, utilidade e alegria de viver.

SAÍDA DE FAMÍLIAS A BORDO DO «CASABIANCA»

Tantos civis a bordo! Desta vez, porém, a uniformidade dos trajes não era regra. Homens, mulheres e crianças, vieram, nessa sexta-feira, 25 de Julho, acompanhar a guarnição numa saída para o mar, visitando assim o mundo em que vivem e trabalham seus irmãos, filhos ou primos. Eram cerca de 180 pessoas a deambular pela ponte de comando ou debruçadas na amurada a reconhecer a costa.

O «Casabianca», escoltador de esquadra de 3900 t, estava como novo pois tinha saído duma grande docagem no Arsenal de Brest.

À sua entrada a bordo, os visitantes tinham recebido um impresso com informações: características do navio, sua história, possibilidades, etc. Até se alertavam as pessoas para não ligarem nem mexerem em certos botões e manetes que haviam de encontrar!

Mar calmo, céu limpo, o «Casabianca» pôde evolucionar com todo o àvontade ao largo de Brest. Os aviões da Marinha vieram saudá-lo, abanando as asas e fazendo com que todos ficassem de nariz no ar...

O almoço foi servido a bordo. Com alegria e boa disposição, os marinheiros «navegavam» por entre as mesas ajudando e servindo os convidados.

Esta bela viagem, que tornou em realidade um sonho de muitos que a fizeram, durou cerca de sete horas e é agora, para eles, uma agradável recordação. Foi com tristeza que desembarcaram e disseram adeus ao «Casabianca» e à sua excelente guarnição com um muito obrigado ao comandante, oficiais, sargentos e praças pela magnífica jornada que lhes proporcionaram.

M. do Vale
Com.

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o enlace dos seguintes camaradas, aos quais desejamos as maiores felicidades:

Cap.-m.-g. Nuno Ximenes Teixeira de Aragão com D. Maria Helena de Figueiredo Vasco, em 20-12-75.

Cap.-ten. RA Júlio Schulz com D. Isabel Maria Godinho Germano, em 25-11-75.

1.º-ten. SG Eduartino Guena Viana com D. Maria Júlia da Cunha Marinha, em 6-11-75.

2.º-ten. SG Mário da Conceição Baptista com D. Aurélia Nunes de Melo, em 18-11-75.

Subten. TE RN António Manuel Barreto Pita de Abreu com D. Gilda Maria Lima Brás, em 8-11-75.

Subten. FZE RN Albano Matos Fernandes Pereira com D. Maria Marques Peixoto Machado, em 30-11-75.

G.-marinha José António Saramago Fidalgo com D. Maria Isabel Pereira de Sousa, em 8-11-75.

Asp. Luís Manuel Fourneaux Macieira Fragoso com D. Maria Isabel Rodrigues Almeida, em 13-11-75.

Sarg.-aj. S RA César Neto com D. Coraldia da Conceição Garcia, em 12-11-75.

1.º-sarg. A Flaviano Angelino da Conceição Bica com D. Odete da Conceição Pires Góis, em 4-11-75.

1553/70/Mar. M António Domingos Amaro Martins com D. Maria do Espírito Santo Silva Pinho, em 8-11-75.

274/71/Mar. L Emídio Fernando dos Santos Francisco com D. Lisete Afonso Veiga Rodrigues dos Santos, em 11-11-75.

1526/72/Mar. C José Manuel de Oliveira Mendes com D. Laura Virgínia Correia da Silva Dias, em 2-11-75.

1343/73/Mar. AP Josué da Cunha Vieira Mota com D. Maria Filoménia Monteiro Rocha, em 2-11-75.

3120/73/1.º-gr. CM João Gama da Silva com D. Ivone Pereira Crisóstemo, em 0-11-75.

1873/74/2.º-gr. CM Mário José Nascimento Cruz com D. Maria Celeste dos Santos Almeida, em 8-11-75.

PASSAGENS À RESERVA

1.º-ten. AN António Lourenço Pereira, em 28-11-75.

2.º-ten. SG Manuel Correia Taveira, em 26-9-75.

Sarg.-aj. A José da Ressureição, em 12-11-75.

Sarg.-aj. S Carlos São Marcos da Piedade, em 14-11-75.

1.º-sarg. T Augusto Vieira, em 12-11-75.

1.º-sarg. T Alberto Henriques Marques Amaro, em 18-11-75.

1.º-sarg. A João Maria das Neves Bento, em 30-11-75.

FALECIMENTOS

É com desgosto que anunciamos o falecimento dos seguintes camaradas, a cujas famílias apresentamos sentidas condolências:

Cap.-m.-g. RF João Chaves Ubach, em 8-12-75.

Cap.-ten. SG RF Joaquim Augusto Laires, em 22-12-75.

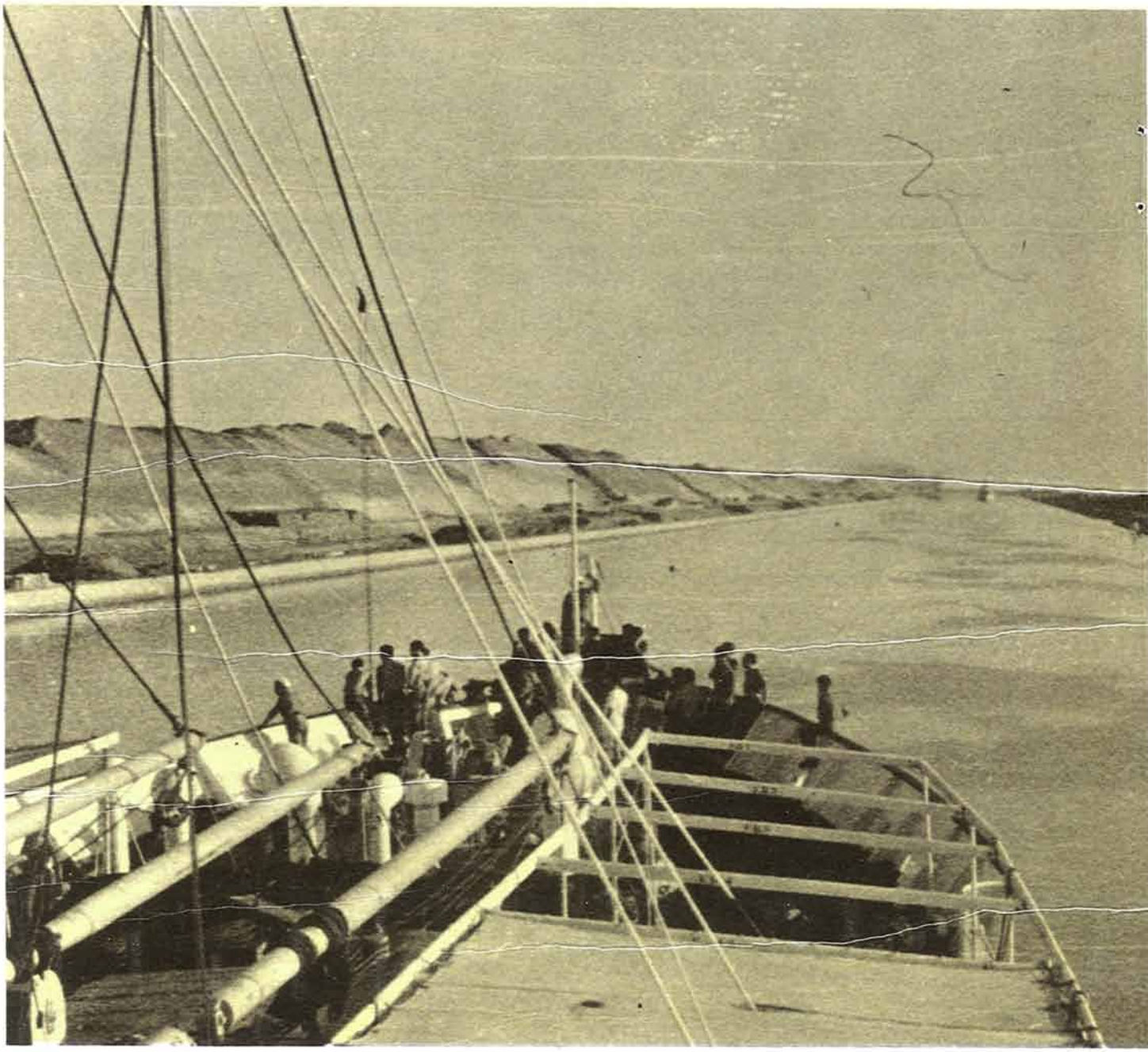
1.º-ten. SG João Marques Portela, em 2-1-76.

Sarg.-aj. A António Lourenço Lapa, em 4-1-76.

1.º-sarg. CM Mário Francisco Palma, em 20-12-75.

2074/75/2.º-gr. L Arnaldo José Guerreiro, em 29-11-75.

Canal do Suez, oi



Oito anos depois de ter sido fechado, por ter ficado impraticável com a Guerra dos Seis Dias, entre Israel e as nações Árabes em 1967, o Canal do Suez foi novamente posto ao serviço da navegação internacional.

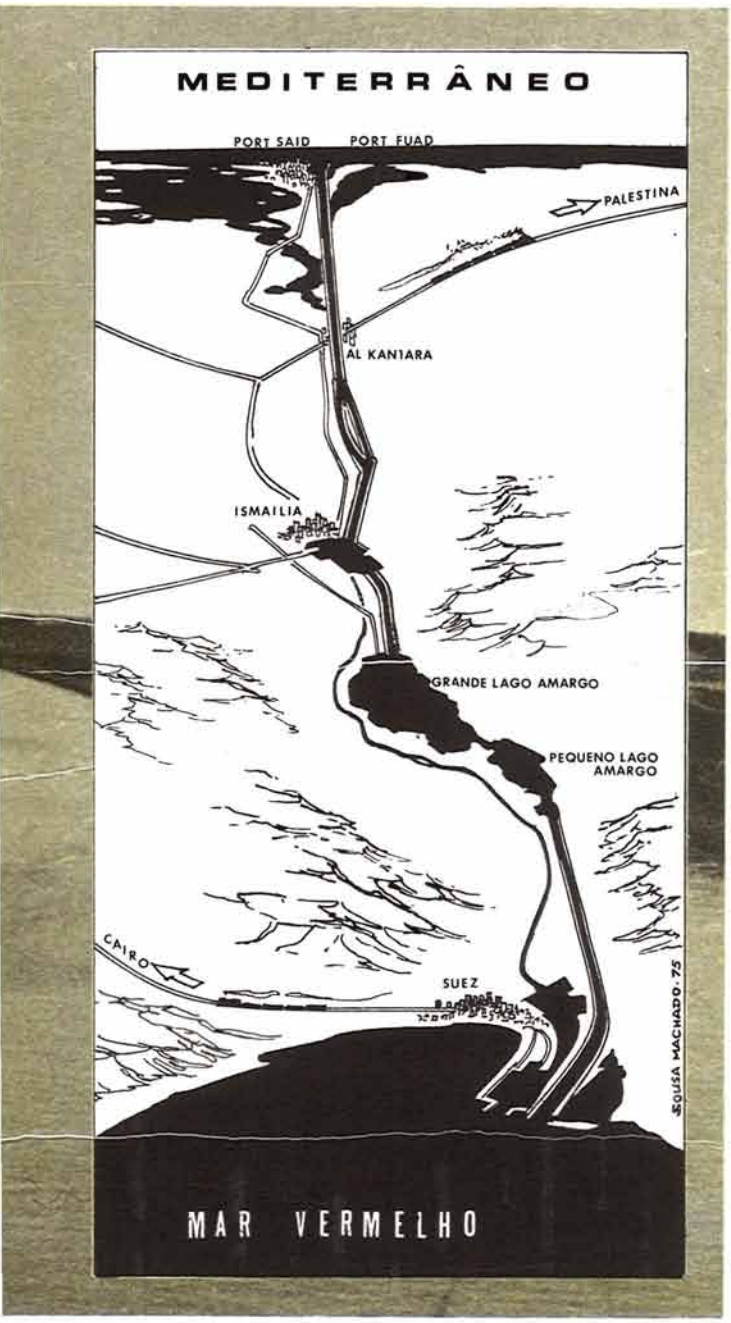
Em 5 de Junho passado, o Presidente Sadate, envergando uniforme de Almirante Comandante Supremo da Marinha Egípcia, procedeu à solene reabertura.

De repente, como que tocado por uma varinha mágica, o Canal acordou do seu longo letargo e entrou em plena actividade. Já na véspera, a lúgubre e poeirenta cidade de Port Said se tinha inundado de luz e alegria. Parecia o Rio de Janeiro!

Foi pois num ambiente de festa que o Presidente, tendo a seu lado o ministro francês do Equipamento e o almirante representante da Marinha Francesa, pronunciou uma vibrante alocução na qual classificou o Canal como «um afluente de paz», «um canal de prosperidade e de cooperação entre os homens», e reafirmou «a determinação do Egipto de acabar a sua missão sagrada a favor da sua terra e da terra árabe do Golan, do Sinai e da Palestina».

Sadate e os seus setecentos convidados desceram depois o Canal até Ismaília, a bordo do escoltador egipcio «6 de Outubro», nome que comemora a data da ofensiva egípcia contra Israel em 1973.

to anos depois...



Entre os navios que faziam parte do comboio inaugural, os observadores notaram a presença significativa – e muito aplaudida pelos milhares de egípcios que assistiram à cerimónia – de um único navio de guerra estrangeiro, o «Little Rock», da Armada dos Estados Unidos.

Foram necessários 5000 homens, trabalhando 15 meses, para dragar e desminar o Canal. Gastaram-se mais de 7 milhões de contos nesse serviço o que, aliás, nada significa perante as fabulosas receitas previstas. Os trabalhos foram realizados por uma «Armada Internacional», constituída por draga-minas e navios de apoio logístico, egípcios, franceses, ingleses, americanos e russos, que passaram a pente fino mais de 6,5 milhões de metros quadrados de água e neutralizaram mais de 30 000 cargas explosivas (minas anti-pessoal e anti-carro, obuses, obuses de morteiro anti-carro, «roquettes», granadas explosivas diversas) e cerca de 35 000 cartuchos.

Os egípcios esperam que a reabertura do Canal seja uma autêntica chicotada na depauperada economia do país. Os navios de menos de 70 000 toneladas, que ligam a Europa ao Golfo Pérsico ou ao Extremo Oriente, pouparão uma viagem em cada duas, em relação à rota do Cabo. As autoridades do Canal, conscientes da profunda evolução nos transportes marítimos de há 10 anos a esta parte, decidiram alargá-lo e aprofundá-lo, para dar passagem a navios petroleiros de 150 000 toneladas e 16 metros de calado dentro de três anos, e a navios de 200 000 toneladas dentro de seis. Resta saber se os armadores não preferirão a rota alternativa do Cabo, rentável a partir desta última tonelagem.

Se é ainda cedo para se saber se o Canal readquirirá a sua antiga importância económica, não há dúvidas, desde já, sobre a sua importância estratégica pois, as Marinhas de Guerra podem agora movimentar-se facilmente entre o Mediterrâneo e o Índico.

(In «Cols Bleus», n.º 1382 de 21-5-75. Tradução e adaptação do com. M. do Vale.)

Nota do autor – *O Canal do Suez foi concebido e executado, com enormes dificuldades políticas e financeiras aliás, pelo diplomata francês Ferdinand de Lesseps (que foi embaixador da França em Lisboa).*

Com a extensão de 162 quilómetros e a largura de 60 metros, foi construído em 10 anos por uma equipa de 8213 homens e... 368 camelos. Foi inaugurado em 15 de Agosto de 1869, pela imperatriz Eugénia, mulher de Napoleão III, a bordo do iate imperial «Aigle», o qual era seguido por 77 navios de todas as nações marítimas. É curioso notar que o navio que devia representar a Marinha de Guerra Portuguesa era a corveta «D. Estefânia», comandada pelo capitão-de-mar-e-guerra José Baptista de Andrade. Porém, por ter apanhado um forte temporal no Mediterrâneo, o navio foi forçado a arribar ao Tejo, com avarias, pelo que não esteve presente na cerimónia. No ano seguinte, na mesma data, chegava ao Canal a corveta «Duque de Palmela», em viagem para a China, sendo o primeiro navio de guerra português que o atravessou.

Promoção Sócio-Cultural na Armada

— Ainda me posso inscrever?

Já Outubro ia adiantado quando o sargento X (ele existe realmente, mas parece-me preferível calar-lhe o nome), entre envergonhado e afoito irrompe gabinete adentro. Claro que o serviço existe para pessoal da Armada, todo o pessoal da Armada que pretenda usufruí-lo, e só. Mas desta vez o caso era um pouco diferente e assim se explica o ainda da pergunta e o diálogo que se seguiu.

— Naturalmente — respondi — mas por que pretende fazer o Ciclo Preparatório?

— Nunca é tarde para se aprender, Sr. capelão!

— Óptimo, mas desculpe-me, você já não é um jovem!

É que o homem que estava perante mim não enganava ninguém. Rugas vincadas, curva da felicidade bem definida, cabelos grisalhos e largas entradas permitiam, assim à primeira vista, dar-lhe aí uns bem vividos cinquenta anos. Por isso surgiram novas perguntas.

— Vai frequentar o Curso Geral de Sargentos?

— Não, Sr. capelão, isso já não é para mim. Perante a minha estranheza, o nosso homem viu-se na necessidade de ir até ao fim.

— Bem, Sr. capelão, é que tenho uma neta na escola e quero acompanhá-la nos estudos.

— Homem, entre já!

Sem livros e sem nada, começou nesse mesmo dia a frequentar as aulas. Foi estudante assíduo e aplicado e quando na pauta da Escola D. António da Costa, em Almada, se podia ler: «Joaquim... 14 valores (Dispensado)», o sargento X, já nada envergonhado, volta-se para mim e afirma o seu triunfo:

— Não fiz muito má figura!

Contava então 55 anos e foi o mais velho aluno que já tive.

Este episódio ocorre-me perante a sugestão contida na nota que comunicou o despacho que o Chefe do Estado Maior da Armada exarou no relatório final sobre os cursos que no ano lectivo de 1974/75 pela primeira vez funcionaram no Ministério da Marinha: «Sugere-se que, sobre os resultados e forma como decorreram os cursos, deveria ser feito um artigo para a Revista da Armada, pois actividades deste tipo devem ser conhecidas».

Vamos tentar cumprir.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Estes cursos têm a antecedê-los uma já razoável experiência. Assim, em moldes institucionalizados, já em 1975 terminava o sexto ano consecutivo em que tais cursos vinham a funcionar na Base Naval, Alfeite; ou, para ser mais concreto, terminava em 1975 o sexto ano de funcionamento do Ciclo Preparatório, o quarto da Secção de Ciências e o terceiro da Secção de Letras do Curso Geral do Liceu.

Quem assina este artigo está longe de ser o homem a quem caibam os méritos que, por estes cursos, possam ser atribuídos, embora se lhe possam assacar alguns deméritos. Sem citar nomes, é de elementar justiça lembrar aqui um valioso grupo de capelães e comandantes que a estas ideias estavam, e estão, plenamente abertos. Mas isso poderia ser outro capítulo.

Estes cursos são a natural evolução de muitas tentativas que, mais ou menos documentadas, remontam a 1946. Nessa altura, capelães que prestavam serviço no então Corpo de Marinheiros, preocupados com o elevado número de grumetes que não possuíam a quarta classe, promoveram diligências no sentido de que um professor primário contratado habilitasse os interessados a apresentarem-se a exame. Faltam dados estatísticos que permitam avaliar os efeitos desta iniciativa que durou anos e, já institucionalizada, se transferiu para outros estabelecimentos da Armada.

Como, felizmente, ia sendo cada vez menos frequente aparecerem grumetes sem a instrução primária (agora básica) completa, o problema da valorização do pessoal passou a colocar-se noutro plano. A valorização profissional que o serviço militar na Armada provoca no pessoal, valorização que é grande e muito válida, não tinha correspondência na vida civil e com a quarta classe os empregos «limpinhos» não abundavam. Aí por 1957 não era pequeno o número de praças da Armada que, livros debaixo do braço, se dirigiam para este ou aquele explicador, ora capaz, ora oportunista, que melhor ou pior, mas sempre caro, os ia ajudando a subir os degraus da

instrução — chave que permitia encerrar definitivamente a enxada no caixote do passado.
Foi perante estas condições objectivas que os capelães da Armada promoveram a organização de cursos nocturnos (1.º e 2.º ciclos liceais, como se chamavam). Estes cursos, começados em 1957, prolongaram-se até 1967 e funcionaram na Associação dos Marinheiros Católicos, então instalada (?) nos claustros superiores da Sé de Lisboa. Por aquelas salas de precárias condições passaram centenas de marinheiros. As condições económicas eram acessíveis e as exigências confessionais limitavam-se ao uso do «botão de âncora». Vicissitudes de vária ordem, incluindo questões políticas e eclesiásticas, obrigaram a Associação dos Marinheiros Católicos a mudar de «poiso». E se o primeiro não era brilhante, o segundo piorou por magreza de recursos económicos. Inevitável o cancelamento dos cursos que ali se vinham ministrando.
Ao longo destes anos todos, a vida foi atirando uns para a Guiné, outros para o Zaire, outros para o Niassa. Estas andanças não conseguiram separar alguns marujos dos livros de estudo e mais organizadamente aqui (caso Niassa), mais agraneladamente além, ora como actividade pessoal do capelão, ora em colaboração com outros oficiais, lá se foram dando mais aulas e mais marinheiros se apresentaram a exame. Muitas vezes com êxito. Ficaram por lá alguns embondeiros (não cabiam em caixotes) que poderiam contar interessantes histórias.
Estas actividades, a que chamarei de franco-atiradores, foram demonstrando que, apenas com boas vontades, não se ia muito longe. O idealismo dos homens tem limites e um aforisma escolástico diz que «violenta non durant». É que as condições de trabalho, sob qualquer aspecto, não eram nada famosas e o volume de interessados, esse, sim, começava a ser famoso e incomportável debaixo das mais amplas e angélicas asas de qualquer capelão.
E assim se chegou a 1968.

EVOLUÇÃO E RESULTADOS

Era do conhecimento geral que grande número de praças e sargentos da Armada procuravam aproveitar os tempos livres para ir estudando. Aconteceu, também, que para o final da década de sessenta se assistiu ao que se chamou «explosão escolar». Esta «explosão» também se «ouviu» na Armada.
Assim, obtidas as necessárias concordâncias até ao nível ministerial, a capelania da Base Naval de Lisboa fez publicar em ordem o seguinte aviso: «Está o Comando da B.N.L. na disposição de iniciar no próximo ano lectivo (Outubro) dois cursos em ordem à promoção do pessoal da Armada, a saber: a) 4.ª classe da Instrução Primária; b) Ciclo Preparatório do Ensino Secundário. (...)».
Este aviso saiu na ordem de 4-7-69 e poucos dias volvidos depressa se concluiu que, felizmente, os tempos eram novos. Previa-se a criação de uma turma de Instrução Primária e outra do Ciclo, mas eram tão poucos os primários que imediatamente se decidiu que houvesse duas turmas, sim, mas com interessados no Ciclo, que eram muitos. Resumo: chegaram ao fim do ano lectivo 39 alunos dos 54 iniciais; desses 39 dispensaram 35 alu-

nos com as mais altas classificações (19 valores inclusive) e 4 obtiveram aprovação na prova oral. Esclareça-se que estes resultados e os que referiremos dizem respeito a exames feitos em estabelecimentos do, então, Ministério da Educação Nacional, do próximo passado Ministério da Educação e Cultura e do actual Ministério da Educação e Investigação Científica e segundo os programas desses Ministérios.

Em Outubro de 1970 um complicado problema se pôs ao encarregado de orientar estes cursos: — onde meter tantos interessados em frequentar as aulas do Ciclo Preparatório? A boa vontade do Comando lá conseguiu derrubar mais uma parede e, de dois quartos de uma casa de habitação, se conseguiu fazer outra sala de aulas. Começaram a funcionar três turmas superlotadas e alguns retardatários em inscrever-se já não conseguiram lugar. Ao longo do ano, e à medida que se iam verificando algumas desistências, eram chamados os que não puderam ser admitidos em Outubro.

Concluiram o ano lectivo 79 alunos-marinheiros dos quais 54 dispensaram de provas orais, 16 obtiveram aprovação em prova oral e 2 reprovaram.

No ano lectivo de 1971/72 começou a satisfazer-se um pedido que os marinheiros-estudantes vinham fazendo. Além das três turmas do Ciclo Preparatório, superlotadas como no ano anterior, e em que também alguns alunos não puderam ser admitidos em Outubro, começou a funcionar uma turma do Curso Geral do Liceu, Secção de Ciências.

Terminaram o ano 75 alunos do Ciclo Preparatório, não tendo havido qualquer reprovação. Da Secção de Ciências do Curso Geral do Liceu apenas um aluno não conseguiu aprovação em qualquer disciplina, tendo 22 logrado aprovação, a maioria na Secção completa e alguns em três disciplinas.

Quanto ao ano lectivo de 1972/73 os resultados foram:

No Ciclo Preparatório apresentaram-se a exame 84 alunos ficando aprovados 75, dos quais 51 com dispensa de prova oral; no Curso Liceal, como os alunos são maiores de 18 anos beneficiam da faculdade de fazer exame quer por secção, quer por disciplinas. Os resultados foram os seguintes, em média nas duas secções — na de Ciências e agora também na de Letras — e nas disciplinas:

Os alunos apresentaram-se a 203 exames, com 97 aprovações, 67 dispensados e 39 reprovações.

Para avaliar o significado destes resultados faz-se a comparação, por exemplo, com os obtidos na Escola D. António da Costa, de Almada, onde de 397 alunos foram aprovados 72,1%, e dispensados 30,7%, enquanto que na Base Naval de Lisboa, de 84 alunos houve 89,3% aprovados, 10,7% reprovados e 60,7% dispensados, isto em relação ao Ciclo Preparatório. No Curso Liceal as médias situaram-se ao mesmo nível.

No ano de 1973/74, de 78 alunos que se apresentaram a exame final no Ciclo Preparatório, apenas 1 não obteve classificação superior a 12 valores. Quanto ao Curso Geral do Liceu, de 282 exames a que os alunos se apresentaram nas várias disciplinas, conseguiram 135 aprovações, 120 dispensas e reprovaram 27.

O ano lectivo que terminou em Agosto último, foi o de mais difícil funcionamento da secção escolar da Base Naval de Lisboa devido à agitação que se viveu no país. Passaram por aquelas salas de aula, Ciclo e Curso Geral do Liceu, mais de 400 marinheiros que múltiplas razões, especialmente o plano de baixas do serviço, reduziram a 62 os que terminaram o Ciclo e à volta de 40 os que se apresentaram a exame final das secções do Curso Geral do Liceu. Consoladoramente os resultados foram análogos aos dos anos anteriores.

Temos vindo a referir quase exclusivamente a evolução destes cursos na B.N.L. Há nisso uma justificação: — é que foi na Base que esta actividade mais se desenvolveu. Semelhante promoção socio-cultural de elementos da Armada se vinha desenvolvendo há alguns anos no Hospital da Marinha com o objectivo de dotar os enfermeiros da Armada com igual condição académica dos enfermeiros civis.

No ano lectivo passado começaram a funcionar estes mesmos cursos no edifício do Ministério da Marinha, nas instalações da antiga Escola Náutica, com duas turmas do Ciclo e uma do Curso Geral do Liceu (Secção de Letras). No ano lectivo corrente, com início em Outubro, funcionam sete turmas na B.N.L. e quatro no Ministério. Foi achado conveniente encerrar o curso do Hospital.

Os alunos que terminaram o ano lectivo no Hospital, poucos, conseguiram classificações semelhantes às indicadas para os alunos da B.N.L. Os resultados dos cursos do Ministério, tendo, embora, as aulas começado tardiamente, foram francamente animadores.

A concluir, informamos que os professores são civis contratados e escolhidos. A experiência foi dizendo que com oficiais a coisa não gimbrava. Não está em causa a dedicação, o entusiasmo e o idealismo, muito menos a competência. Está em causa o condicionalismo militar que os obriga a faltar muito. E para faltar muito já chegam os alunos...

Os alunos são voluntários para entrar e para sair; infelizmente são muitos os voluntários para sair...

Os alunos faltam muito e desistem facilmente. Talvez porque não têm consequências económicas, e, não perdem nada...

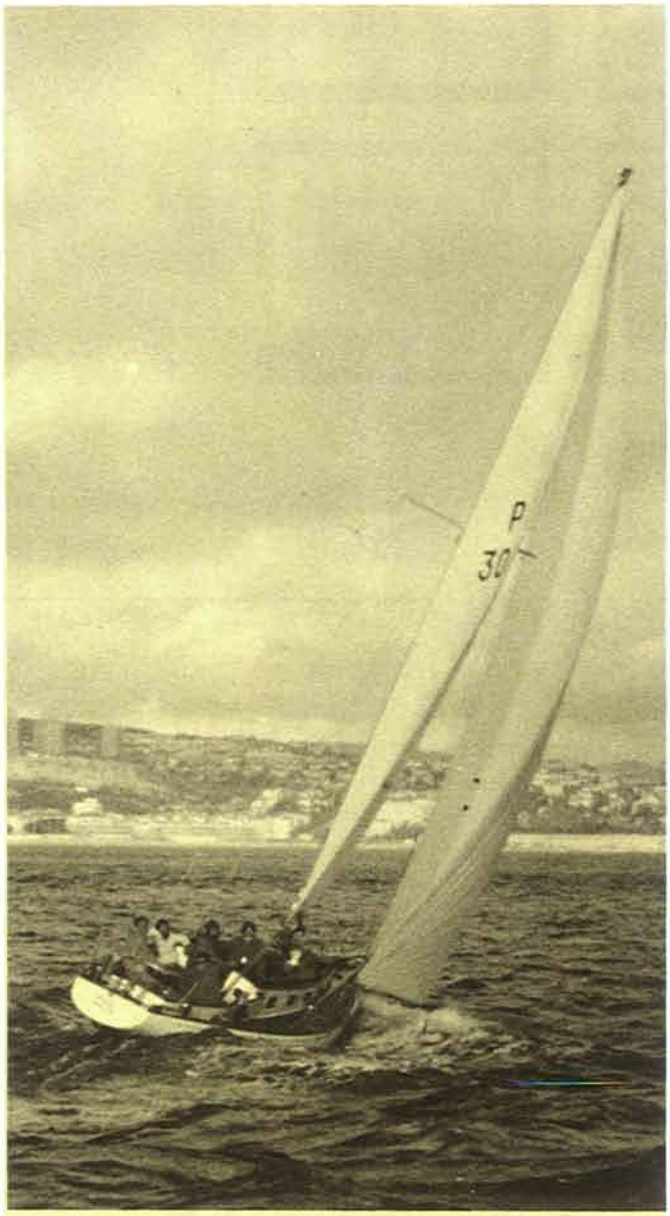
Trata-se de ensino intensivo (o Ciclo é ministrado num só ano e o Curso Geral em dois, uma Secção em cada ano), e de ensino supletivo (os alunos são maiores de 18 anos, isentos de matrícula e grande número deles sem qualquer hábito de estudo).

É frequente encontrar alunos que começaram um curso na Armada e o vão completar, nesse mesmo ano, já na vida civil. É que entretanto levaram baixa.

Sérgio Augusto

Desporto

O «XIXÃO» OBTEVE A MELHOR PONTUAÇÃO NA ÉPOCA DE 1975



O «Xixão» navegando «a um largo» para Belém.

Características principais:
– Tipo: SWAN 36 pés.
– Comprimento: 12 metros.
– Deslocamento: 6 toneladas.
– Armação Sloop.
– Motor auxiliar: 45 HP.
– Beliches: 6.
– Equipamentos: Sonda; TX/RX em VHF.

O «Xixão», iate do CNOCA da classe de cruzeiro, obteve a melhor pontuação no conjunto das regatas da época de 1975. Assim, após ter vencido o Torneio do Ano Novo (4 regatas) e o Torneio do Carnaval (2 regatas), foram os seguintes os resultados obtidos na época de 1975, em tempo corrigido:

– Regata da Abertura 4.º
– Regata D. Carlos:
  a. Lisboa-Sines 2.º
  b. Sines-Sesimbra 4.º
  c. Sesimbra-Cascais 2.º
– Regata Clube Naval de Cascais 2.º
– Regata Berlengas 3.º
– Semana da Vela de Cascais:
  a. 1.ª regata 1.º
  b. 2.ª regata 1.º
– Regata Corporação de Pilotos 3.º
– Regata Wintermantel 2.º
– Regata Walter Brash 2.º
– Regata Fim de Época 5.º

Podem considerar-se muito satisfatórios estes resultados, atendendo às características do «Xixão» que só se encontra em vantagem nas regatas oceânicas com ventos fortes e mar encapelado, o que não é o caso da maioria das regatas da época de 1975, disputadas em águas costeiras. Além disso, alguns dos pormenores tais como a ausência de um hélice retráctil, a idade da capação (quase 3 anos) e a falta de velas como o «drifter», o «tall boy» e o «spinaker de largos» limitaram também as possibilidades da embarcação.

Por outro lado os afazeres profissionais dos sócios do CNOCA dificultam a formação de uma equipa homogénea e treinada que consiga tirar o máximo rendimento do barco. De qualquer forma estão de parabéns os sócios que em maior ou menor número de vezes formaram a tripulação, nomeadamente o 1.º-ten. Messeder, o cap.-ten. Brilhante Pessoa e seu irmão eng.º Fernando Brilhante Pessoa, o cap.-frag. Pereira Simões e os tenentes F. Barbosa, A. Fonseca e S. Junceiro.

Terminamos fazendo votos de idênticos ou melhores resultados na próxima época, em 1976.

Alexandre da Fonseca
1.º-ten.

Filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Os serviços de produção dos nossos CTT terminaram o ano de 1975 apresentando, em 30 de Dezembro, a série que reproduzimos, comemorando o Ano Internacional da Mulher, que decorreu nesse ano.
Nela se homenageia a mulher em diversos ramos de actividade, faltando todavia, quanto a nós, mostrá-la como mãe, sem dúvida a mais sublime missão que ela deve cumprir na vida.
Os selos, de cores discretas, apresentam desenhos bem concebidos; o conjunto, vistoso, merece ainda a referência de ser constituido por quatro valores, variante não frequente nas séries de selos portugueses.

QUE SE PASSOU?

Causou a maior decepção nos meios filatélicos a ausência, em 1975, de uma série dedicada ao Natal. Efectivamente, não é fácil entender como tal falta foi possível, tendo em conta não só as grandes tradições cristãs do nosso País mas ainda o facto de se ter posto em circulação, pela primeira vez, no ano anterior, uma série focando o assunto que, como é sabido, foi um autêntico sucesso mundial. O prémio que lhe foi concebido em Itália, só por si, justificava a continuidade. Lamentavelmente isso não aconteceu e, por isso, os filatelistas se interrogam: o que se passou?
Resta-nos a esperança de que o tema Natal retome este ano a sua justificada posição no mundo dos selos.

SELOS DOS NOVOS PAÍSES AFRICANOS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

Como se esperava, os novos países de expressão portuguesa começaram a emitir as suas séries postais. Infelizmente não tem sido fácil obter esses selos, bem como os elementos esclarecedores, em pormenor, do seu significado. Porém, como consideramos o interesse que possam despertar aos nossos leitores, vamos referir-nos a selos da República de S. Tomé e Príncipe e da República Popular de Moçambique.
Quanto ao país citado em primeiro lugar, em data que não po-

demos precisar, pôs em circulação uma série de quatro valores que não reproduzimos por a não termos conseguido obter. Segundo informações que colhemos, a emissão é comemorativa do Acordo de Argel, no qual foi negociada a independência do país. O motivo é igual para os quatro selos que mostram as bandeiras nacionais de S. Tomé e Príncipe e de Portugal segundo uns, ou do Gabão segundo outros. Garantiram-nos que são de muito interesse para os coleccionadores da temática «Bandeiras». Esperamos poder fazer aqui a sua reprodução.

Quanto a Moçambique, pôs a circular, em 21 de Dezembro último, um conjunto de oito valores apresentado com dois motivos diferentes, que reproduzimos. Os desenhos, dizem-nos, pretendem demonstrar a trilogia «Unidade, Trabalho e Vigilância» com que as autoridades do país desejam alcançar os objectivos a que aspiram e, nós acrescentamos, merecem.

G. Brandão
2.°-ten. SG

Saibam Todos

Que para efeitos de comparticipação, os beneficiários da ADMA (Assistência na Doença aos Militares da Armada) quando consultem médicos que exercem a profissão por conta própria devem exigir que os respectivos recibos sejam passados em impresso exclusivo da Casa da Moeda ou impresso modelo 2, aprovado pela Portaria n.º 323/75, de 22 de Maio, cuja utilização é obrigatória nos termos do n.º 2 da referida Portaria e do artigo 3.º do Dec.-Lei n.º 209/75, de 18 de Abril, devendo, por isso, recusar qualquer outra forma de passagem dos ditos recibos.

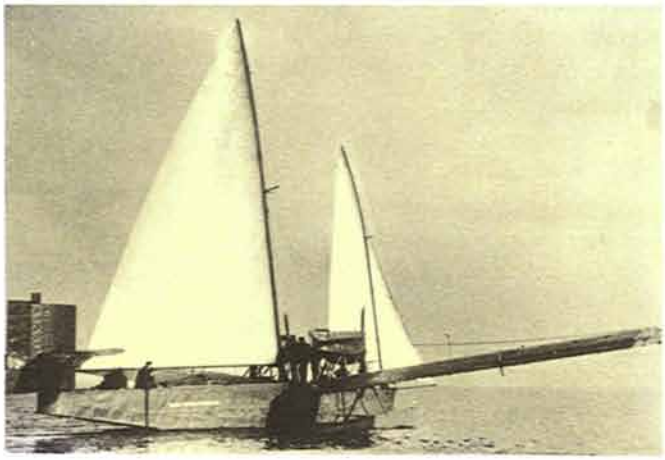
Que os recibos não passados na forma legal (impresso da Casa da Moeda ou mod. 2) não poderão ser comparticipados pela ADMA, pelo que esta os devolverá aos interessados.

Que na linha de actuação que a ADSE (Assistência na Doença aos Servidores do Estado) procura seguir com vista ao alargamento e melhoria das regalias assistenciais concedidas aos seus beneficiários (funcionários civis), acabam estes Serviços de celebrar, com efeitos a partir de 1 de Novembro último, acordos com o Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge (INSA), Associação Portuguesa de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais (APPACDM) e Associação Portuguesa para Protecção às Crianças Austistas (APPCA).

Que estes acordos abrangem todos os serviços prestados pelas referidas instituições e suas delegações, devendo os interessados apresentar-se nas mesmas munidos dos seus cartões de beneficiários e, no caso do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, das requisições médicas relativas aos serviços de que carecem.

Que quando a APPACDM e a APPCA não possuirem os serviços procurados pelos beneficiários, estes serão orientados para outras instituições, de preferência oficiais.

Curiosidades



HIDROAVIÃO COM VELAS

A fotografia que publicamos, de um hidroavião com velas, não é ficção, é real. Trata-se do bimotor «RHORBACH», construido na Alemanha por volta de 1932, que era equipado com dois mastros telescópicos que envergavam velas. Em caso de «pane» de motores e amaragem no mar, podia assim navegar para alcançar o porto mais próximo.

SEGURANÇA RODOVIÁRIA

Numa conferência sobre segurança rodoviária efectuada em Paris, a que assistiram delegados de 12 países, o administrador federal das estradas dos Estados Unidos salientou que entre o aparecimento do automóvel e a actualidade, as guerras travadas pelo mundo fora fizeram 23,5 milhões de mortos – menos um milhão e meio do que o automóvel no mesmo período de tempo.

SABE EM QUE DIA DA SEMANA NASCEU?

Data que ninguém esquece é o dia em que veio ao mundo. Com festa rija ou sem ela, o «dia de anos» trás sempre certa alegria, aquela, pelo menos, de ir vivendo... Mas o que pouca gente sabe, com certeza por ter menor interesse, é o dia da semana em que sua mãe o pôs cá. Pois é fácil.

Suponha que nasceu a 20 de Setembro de 1921.

Designadando por n o valor desse ano, e por t o número de dias desde 1 de Janeiro até àquela data (exclua os bissextos), a fórmula:

$$n + t + \frac{n-1}{4} + \frac{n-1}{400} - \frac{n-1}{100} : 7$$

dar-lhe-á, no resto da divisão por 7, o número de ordem do dia da semana, desde domingo 1, até sábado 7 (ou zero).

No exemplo apontado, 20 de Setembro corresponde ao 263.º dia do ano. Portanto:

$$1921 + 263 + \frac{1921-1}{4} + \frac{1921-1}{400} - \frac{1921-1}{100} : 7$$

considerando apenas a parte inteira dos cocientes por 4, 400 e 100:

$2649 : 7 = 378$ com resto 3

O resto 3 corresponderá, por conseguinte (domingo 1, segunda 2, terça 3) a uma terça-feira.

Ora, experimente, a ver o dia da semana em que nasceu. Depois, divirta os amigos fazendo-lhes os cálculos.

S. Machado
Cap.-m.-g.

A ATLÂNTIDA

O comandante Jacques-Yves Cousteau, uma autoridade mundial em trabalhos de oceanologia, começou a fazer explorações nos mares da Grécia, à procura de tesouros perdidos e da legendária cidade da Atlântida.

Anunciou, em Atenas, que por acordo com as autoridades gregas, foi autorizado a filmar os fundos marinhos à volta das ilhas do mar Egeu. Será filmada, ao largo da ilha de Thira, uma cratera imersa que, segundo alguns, foi a origem da destruição da Atlântida.

Thira, conhecida também pelo nome de Santorin, está situada no centro de uma série de ilhas vulcânicas, a 225 kms a SE de Atenas. Segundo os arquélogos, muitas e grandes erupções tiveram lugar naquela região por volta do ano 2000 a.C. aniquilando a civilização minóica. Depois disso muitos tremores de terra devastadores se produziram ali.

Descobertas recentes permitem situar a Atlântida no mar Egeu. Homens-rãs notaram vestígios nítidos duma cidade ao largo de Santorin. O professor Marinatos, director das antiguidades gregas, retirou do fundo do mar numerosos vestígios duma sociedade que pode remontar a muitos milénios antes da nossa era.

O filme do comandante Cousteau será pois um teste decisivo. Será realizado com a equipagem do navio de pesquizas oceanográficas «Calipso» e será distribuído às principais cadeias de TV mundiais.

Reportagem

INAUGURADAS AS INSTALAÇÕES DE CONVÍVIO DO EDIFÍCIO DO MINISTÉRIO DA MARINHA

No passado dia 9 de Dezembro, o chefe do Estado Maior da Armada, vice-almirante Souto Cruz, inaugurou as instalações de convívio do edifício do Ministério da Marinha, que vão servir a mais de um milhar de militares e funcionários civis em serviço neste Ministério.

Aquele oficial general, que era acompanhado pelo superintendente dos Serviços do Material, interino, comodoro Filgueiras Soares, e pelo director do Serviço do Pessoal, comodoro Simões Teles, foi recebido pelos director das Infra-Estruturas Navais, comandante do Comando de Segurança e Defesa do Edifício do Ministério da Marinha e membros da Comissão de Bem-Estar deste Comando. Estas entidades, bem como muitas praças que assistiram ao acto, percorreram as novas instalações, as quais, de decoração simples, são sobretudo funcionais. Compõem-se de uma sala polivalente (bar, sala de projecções e sala de reuniões), sala de jogos com bilhar e sala de leitura com biblioteca.

SESSÃO NO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA

No dia 10 de Dezembro teve lugar nas instalações do Museu da Marinha, em Belém, uma sessão promovida pelo Centro de Estudos de Marinha a que assistiram vários académicos, entidades civis e militares e outros convidados.

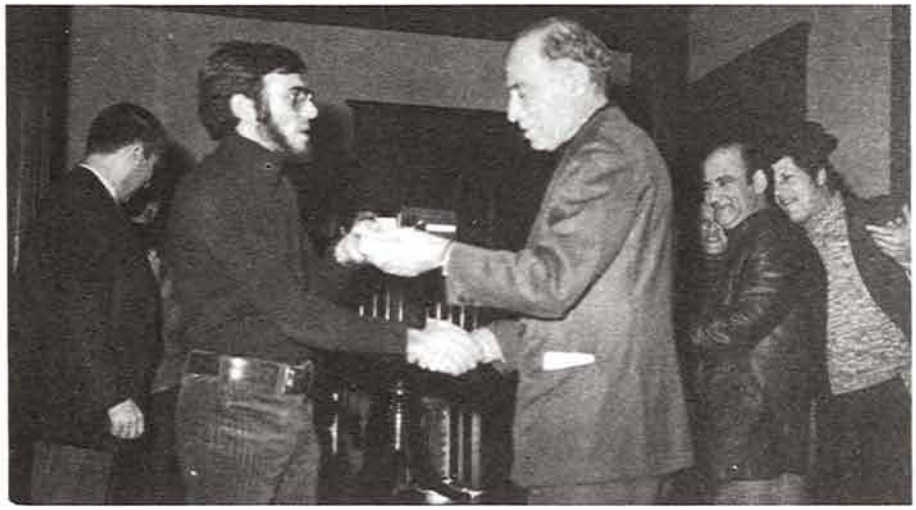
Presidiu o presidente daquele organismo cultural da Armada, sendo a mesa composta pelos presidentes das respectivas Secções e seus secretários.

O orador foi o capitão-de-mar-e-guerra Soeiro de Brito, membro efectivo da Secção de Artes, Letras e Ciências, que apresentou uma comunicação subordinada ao tema «Características métricas de alguns sistemas coordenados» em que expôs algumas noções básicas sobre os conceitos de topologia e métrica do espaço, analisou, do ponto de vista morfológico, os sistemas coordenados de maior interesse para a topografia, hidrografia e navegação, concluindo por considerar que o estudo apresentado é também um exemplo da aplicação das técnicas de «transferência de conhecimentos» e de «análise morfológica», de resultados tão promissores na investigação e previsão tecnológica.

DISTRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS DO CONCURSO DE DIAPOSITIVOS DO CLUBE MILITAR NAVAL

No dia 10 de Dezembro findo, na sede do Clube Militar Naval, efectuou-se a distribuição de prémios do concurso de diapositivos que a Comissão de Redacção dos Anais organizou.

Ao concurso concorreram 11 associados daquele Clube, os quais apresentaram um total de 175 diapositivos, tendo os 1.º, 2.º e 3.º prémios sido conquistados, respectivamente, pelos 1.º-ten. ECN Vasconcelos da Cunha, cap.-ten.



José de Brito Subtil e cap.-ten. ECN Balcão Fernandes Reis.

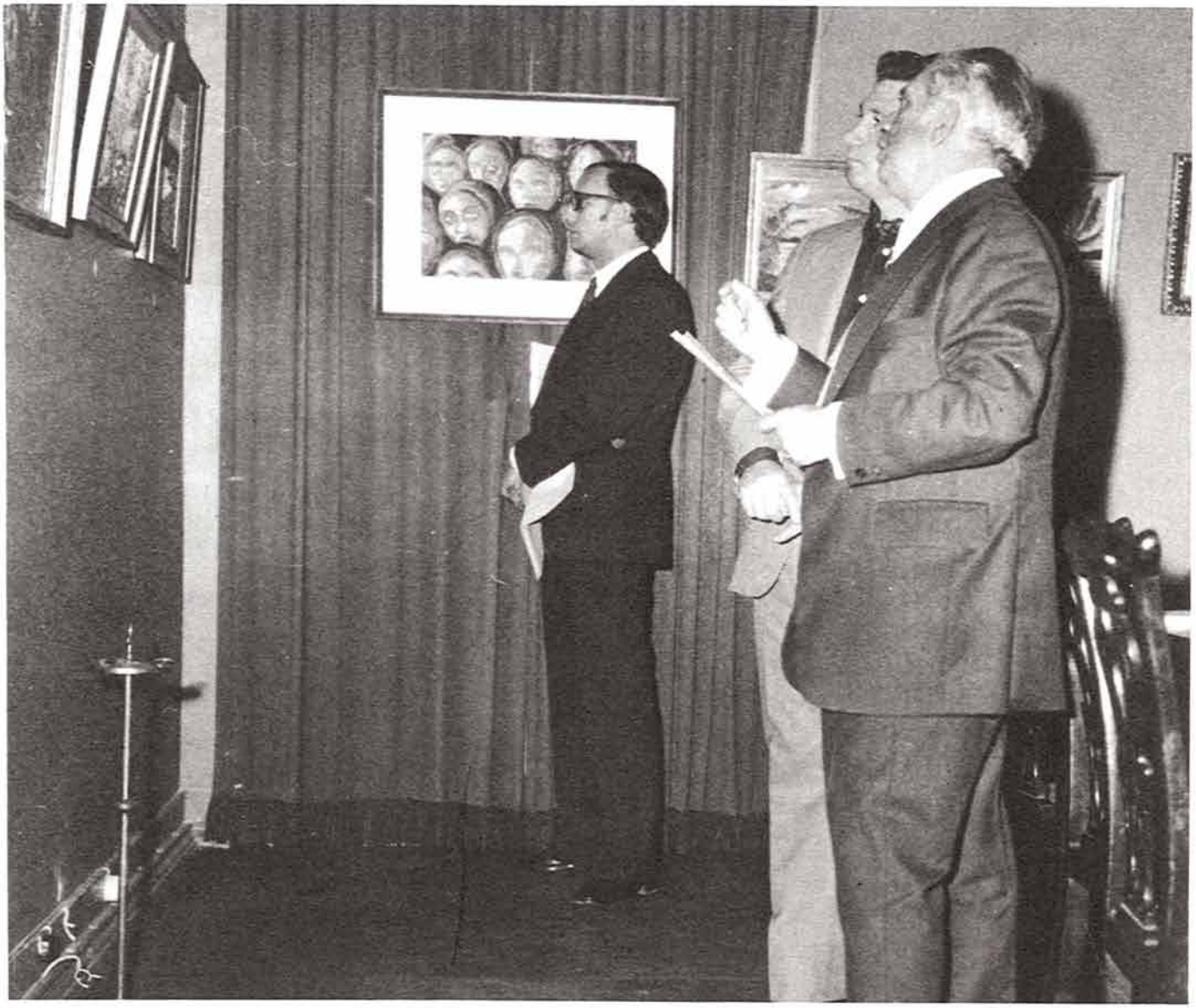
Por especial deferência dos autores, que muito agradecemos, alguns dos diapositivos serão oportunamente publicados nas capas e contra-capas da nossa Revista.

«Povo humilde»

UMA EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Teve lugar no Clube do Sargento da Armada, de 13 a 21 de Dezembro p.p., uma exposição de pintura do sargento Arlindo Mateus que reuniu para o efeito 26 das suas obras.

Arlindo Mateus pinta porque gosta de pintar e ao fazê-lo, transporta para a tela a pureza luminosa das cores que ele sente álacres e vibrantes e que assim se tornam numa festa para a vista.



«Viela de Lisboa»

O seu autodidatismo é penhor de uma força de vontade que não esmorece ante os condicionalismos que a sua actividade profissional lhe impõe, criando sempre, comprazendo-se nessa outra actividade de eleição que é fazer florir num pedaço de tela a espuma das ondas, as flores do campo, a cal das paredes, a luz que escorre nas vielas, a fantasmagoria das nuvens ao poente com o sol a derramar cambiantes de ouro entre tons de opalas e rubis ou ainda o povo humilde em cujas faces se adivinha uma interrogação enorme, marcada pelas rugas de um passado de trabalho enquanto os olhos vagueiam, abstractos, na incerteza do futuro.

«POVO HUMILDE» — o único quadro a tratar a figura humana — é talvez a obra mais conseguida do certame. Há nele todo um mundo para além da pintura e que a pintura foi capaz de traduzir. E isso, só a verdadeira arte o consegue. «VIELA DE LISBOA» é um magnífico apontamento típico onde ao rigor do desenho se junta a ambiência que faz de cada canto um lugar com vida. «ENTARDECER NO MAR» é uma tela corajosa, onde a cor é pródiga e em que se sente o artista frente a uma realidade fugaz, com o seu quê de quimérica, mas que nem por ser sonhada é menos verdadeira, já que a realidade é o que se sente. Não importa alongar referências a este ou àquele quadro; importa sim, apreciar uma obra que no seu todo valoriza o artista que se viu rodeado de gente amiga para quem o fenómeno artístico ainda conta alguma coisa. A abertura da exposição, para além do acto oficial em si que contou com a presença de entidades da Armada ao mais alto nível, foi pretexto para um salutar e estimulante convívio capaz de fazer esquecer a vida rotineira em que por vezes gas-

tamos a existência. Esteve de parabéns o artista e o Clube do Sargento da Armada por esta magnífica e prestigiosa realização.

O. Lemos
Cap.-frag.

N. R. — A inauguração da exposição foi feita pelo chefe do Estado Maior da Armada, vice-almirante Souto Cruz, tendo assistido o director do Serviço do Pessoal, comodoro Simões Teles, o presidente do Clube Militar Naval, capitão-de-mar-e-guerra Fonseca Caxaria, chefe do Gabinete do CEMA, capitão-de-mar-e-guerra Garrido Borges, e o capitão-de-fragata Oliveira Lemos, pela «Revista da Armada».

A GUARNIÇÃO DO DRAGA-MINAS «HORTA» CONFRATERNIZA

No dia 16 de Dezembro findo, a bordo do draga-minas «Horta», atracado na Base Naval de Lisboa, no Alfeite, efectuou-se uma reunião de confraternização entre todos os elementos da sua guarnição que serviu de pretexto para festejar a quadra natalícia que então se iniciava.

O NATAL NAS UNIDADES DA ARMADA

Um aspecto da festa no antigo Quartel de Marinheiros, organizada pelas Instalações Navais de Alcântara.

Como vem sendo habitual na quadra do Natal, várias unidades e serviços da Armada organizaram as tradicionais festas dedicadas aos filhos dos seus servidores — militares e civis — em que, palhaços, artistas de variedades, agrupamentos musicais, cantores e filmes fizeram a delícia das muitas centenas de crianças presentes, às quais foram servidos lanches ou almoços e distribuidos brinquedos ou outras lembranças.

Das festas realizadas nos dias 17, 18, 19 e 20 de Dezembro e de que tivemos conhecimento — Escola de Fuzileiros, Instalações Navais de Alcântara, Base Naval de Lisboa, draga-minas «Horta», Grupo n.º 1 de Escolas da Armada,

No auditório da Escola Naval, realizou-se a festa da Base Naval de Lisboa.

Em Vila Franca de Xira, o Grupo n.º 1 de Escolas da Armada fez a festa nas suas instalações.

Na Sociedade «Os Penicheiros», no Barreiro, houve a festa da Escola de Fuzileiros.

Força de Fuzileiros do Continente, Fábrica Nacional de Cordoaria e Hospital da Marinha — apresentamos algumas fotografias.

N. R. — Em virtude da má qualidade e da escassez de material fotográfico existente no mercado, algumas reportagens fotográficas feitas pelo nosso fotógrafo ficaram inutilizadas pelo que não foi possível publicá-las.

A Fábrica Nacional de Cordoaria fez a festa nas suas instalações da Junqueira.

Quarto de Folga

OU DENTRO OU FORA!

Não tive ocasião de presenciar as cenas que dão origem a esta história, mas ela passou-se no tempo em que andava pelos navios como oficial de guarnição o que equivale a dizer que já lá vão uns bons pares de anos.

A história foi-me contada e agora passo-a ao papel cônscio de que não a desvirtuarei no seu fundamento e que, quem ma contou, não exagerou certamente.

Foi o caso que, a bordo de um dos nossos contratorpedeiros, dos anos trinta, cujo nome não nos recorda, faziam parte da guarnição dois fogueiros que se davam maravilhosamente talvez pelo flagrante contraste que cada um apresentava em relação ao outro, e que ia desde a compleição física até à maneira de ser, não falando na distância de graduação e idades.

Um, marinheiro antigo, com tufões e ciclones na caderneta, era enorme, de um físico fora do vulgar, de músculos de aço, força hérculea, que praticamente desconhecia e que empregava sem saber, sem esforço e, poder-se-ia dizer, sem nunca se servir dela para agredir, para atacar, pois era um paz de alma, bonacheirão, incapaz de se zangar, enfim, de uma calma infinita. Como ninguém tinha coragem para implicar com aquele monstro de força, vivia rodeado de respeito e amizade bem merecidas.

Pela razão da sua maneira de ser bonacheirona e força desmedida, fora-lhe dada a alcunha de «Boi», sem tal nome, de forma alguma, encerrar qualquer sentido pejorativo.

Ninguém o via zangado, mas sentia-se que, se tal fosse possível, se tal viesse a acontecer, o caso seria digno de registo e falado.

O outro, grumete moderno, também do fogo, era um autêntico «lingrinhas», de uma magreza aflitiva, sequíssimo de carnes, nervoso, sempre irritado, sempre pronto a arranjar sarilhos e conflitos, de réplica pronta, sempre «a queimar mal», profundamente conflituoso, destes que andam permanentemente de «balaustrada abatida», isto é, prontos para o combate.

Aquela amizade estabelecera-se, não se sabia bem porquê, mas certamente pelo contraste das figuras e carácteres.

O «Lingrinhas» abusava um pouco do físico, não só porque a maioria não lhe daria um par de bem merecidas chapadas, com medo de o partir, como também e principalmente, porque todos tinham receio que o «Boi», tomando partido pelo que todos sabiam ser seu amigo, virasse o feitiço contra o feiticeiro.

O «Lingrinhas» tinha fama de valente, de atrevido, de conflituoso, sempre pronto para arranjar uma zaragata de ferver pancadaria, mas havia quem dissesse que a valentia lhe vinha só de se sentir com as costas quentes, da amizade do seu guarda-costas, o «Boi».

As coisas iam decorrendo assim dentro deste equilíbrio precário, mas todos sentiam que um dia tudo se aclararia.

Navegava certo dia o navio a toda-a-força com destino aos Açores. Ambos os heróis desta verídica história, na sua folga de quarto, se tinham sentado perto da cozinha, junto de outros camaradas, petiscando qualquer coisa e aproveitando o quente do lugar.

Naquele dia, e muito especialmente naquela hora, o «Lingrinhas» estava particularmente implicativo e realmente já todos o estavam considerando francamente indigesto, merecedor de correctivo, mas a presença do «Boi», calmo e enigmático, sem se saber o que pensava e o que faria em caso de conflito declarado, obrigava todos a constrangerem-se e a recozer o impulso instintivo de castigar o agitador.

Possivelmente por causa dessa passividade geral, o «Lingrinhas», por falta de antagonista, perdido na embriaguês dos sentidos e sentimentos descontrolados, cheio de petulância, fora de si, entra a implicar com o seu próprio particular e paciente amigo – o «Boi» – coisa a que, até então, ninguém tinha assistido.

O atingido manteve-se impassível largo tempo, parecendo até que nem sequer ouvia as investidas, cada vez mais desagradáveis e incisivas, do implicativo grumete que, à passividade da sua vítima, ia buscar mais ânimo para redobrar os seus sarcasmos, excedendo o limite do razoável.

Continuavam as coisas assim, quando o «Boi» se levantou de repente e, num movimento irresistível e imprevisto, sem uma palavra, deita a mão à fardilha do «Lingrinhas», por altura do peito e, perante o pasmo geral, com uma só mão e de braço bem estendido, põe o camarada fora da borda, a espernear, como se fosse um simples boneco.

Estava fora de si. Era só abrir a mão e o pobre grumete, nunca mais aborreceria ninguém...

Todos estavam de respiração

suspensa, paralizados pelo terror da hipótese daquela mão se abrir, e ninguém se atrevia a dizer uma palavra para não precipitar um tão horrível desfecho.

Então, perante o pasmo e admiração de todos, ouviu-se o «Lingrinhas» dizer, no mesmo tom agastado e de desafio de sempre, paracendo completamente indiferente ao perigo em que se encontrava:

– Ou dentro ou fora, «Se Marinheiro», assim é que não é vida!

O «Boi», ao ouvir aquela exclamação, pareceu acordar de uma alucinação e, num gesto rápido, meteu o camarada dentro do navio, abraçando-se a ele, chorando convulsivamente, como só um homem sabe chorar.

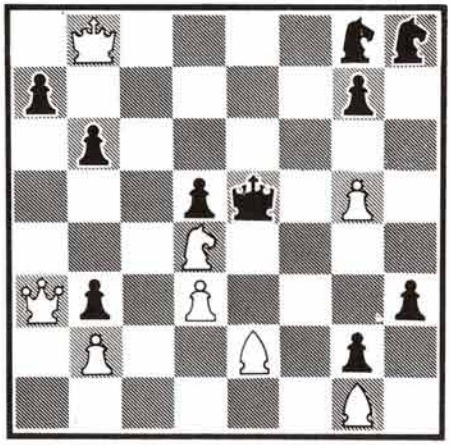
Todos respiraram fundo e se entregaram a manifestações de amizade e camaradagem, procurando desanuviar o ambiente.

A verdade é que, daí por diante, o «Lingrinhas» tornou-se menos implicativo, para tranquilidade de todos.

Capt. Zuzara

XADREZ

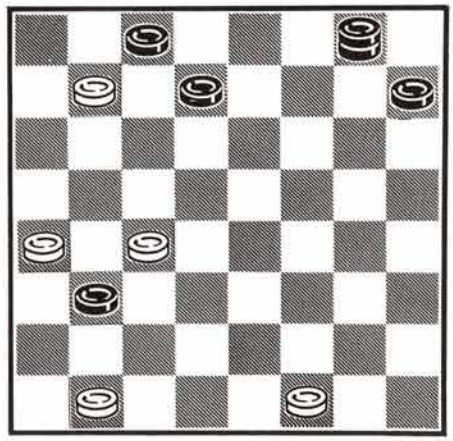
(Solução na pág. 34)



As brancas jogam e dão mate em 3 lances.

DAMAS

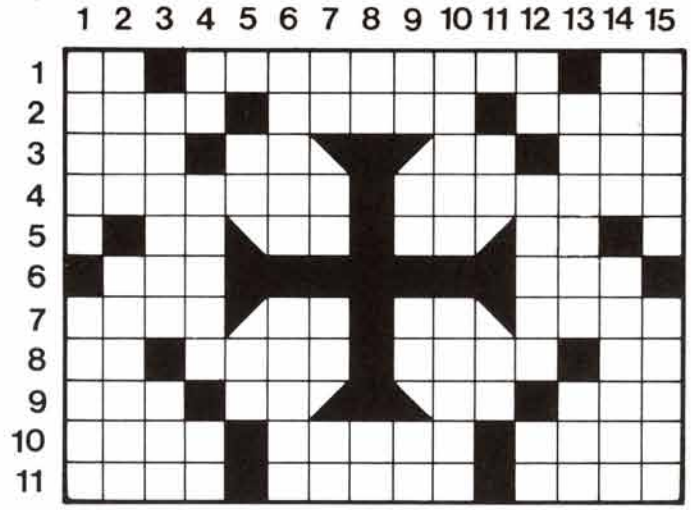
(Solução na pág. 34)



As brancas jogam e ganham:

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução na pág. 34)



HORIZONTAIS: 1 – Em a; cruzados; antes do meio dia. 2 – Juntes; santo padroeiro; rilha. 3 – Pássaro também chamado hortulana; qualquer; nome de letra, colocar. 4 – Diferenciações; impeça com violência. 5 – Pena; graceja; ali; pedra de moinho. 6 – Ofereces; primeira mulher. 7 – Género de macaco de Bornéu (duas primeiras sílabas); nesse lugar; prefixo de negação; faz girar. 8 – Prefixo de negação; lição; médio; qualquer. 9 – Consoantes de netos; crença; soube; quer muito. 10 – Planta trepadeira; dá sinal; proceder; 11 – Serra portuguesa; criado; outro nome de Jerusalém.

VERTICAIS: 1 – Jamais; lar. 2 – Azul; outrora. 3 – Içadas; abreviatura de senhores. 4 – Consoantes de nasa; muito parecido; vogal dobrada. 5 – Vogal (pl.); inter-jeição de cansaço. 6 – Osso da cabeça; renques de árvores. 7 – Terminação dos verbos da 2.ª conjug.; nota musical; seguia; base. 8 – S.q. do gálio; seguir. 9 – S.q. da prata; artigo antigo; prefixo de negação; televisão. 10 – Verdade de fé; cabeça rapada. 11 – Pretexto (inv.); grito de dor. 12 – Senhor (abrev.); osso do braço; elas. 13 – Dou a minha adesão; procedi. 14 – Alento; esclarece. 15 – Oceanos; nome de homem.

A. Fardilha
Ex-mar. L

N. R. – No presente problema o leitor encontrará, depois de resolvido, o terceiro verso da primeira estrofe de «Os Lusíadas».

ARITMOGRAFIA

4	+		–		–		= 1
×		×		×		+	
	×		+		–		= 5
–		+		:		–	
	+		–		–		= 0
–		–		–		–	
	×		:		–		= 4
= 4		= 4		= 2		= 1	

Complete os espaços em branco com os algarismos correspondentes aos cálculos aritméticos a que respeitam os totais mencionados na coluna da direita e na linha de baixo.

M. Horta
Sarg.-aj. L

(Solução na pág. 34)

– Sua esposa passou por cá à sua procura e deixou esta mensagem! Ou ela ou eu.

CONCURSO N.º 53

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

H A V E T I N O M A R I N O H S O D A N
L X B B S O M T E T I S B E N S A T O S
O B O R O X A E I R O T E R O A D A S O
I S O A I S S X D O D O T I N E I B T Z
B R A N C O T L A N E N I B E D E C O I
G E R T A R O S R A F Ã O E F J M E I N
A R O S S S A T S L R S S I I A L G R I
G A G P T O S M S U A E T R K H A H M D
T I A Q R O A R O C T S S O R V M D S O
I N R V O K T S S R E A R M A S S T Q R
A S F V Z Z N A M E L Z O R I E U Q U G
T B I X K L A R T H O D J B J H B U O T
C H O L L M D I S T O R K X I I N O S O
E J D T R I O S O E R O R T I G A O M S
G L N E I J D Z A T C A Q U L A M X R A
K P M R B E L A G S T U L I R L R A T B
Z P O R O B U C S A G A H C O Z O S S C
J O C A I I A H O S I R C H A A D O O O
P I A G T S C O R T E Z Ã O S I R I M F
O T S I A O B S S O T O N M L I A T S O

No emaranhado de letras que apresentamos estão mencionados os apelidos de doze escritores portugueses. Procure-os em todos os sentidos, menos obliquamente. Alguns dos apelidos estão escritos de forma invertida.

Basto Carreira
Cap.-m.-g.

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Na; navegados; am. 2 – Unas; orago; rala. 3 – Nil; um; ge; pôr. 4 – Classes; empurre. 5 – Dó; ri; lá; mó. 6 – Dás; Eva. 7 – Nasi; aí; im; rola. 8 – In; aula; meão; um. 9 – Nts; fé; li; ama. 10 – Hera; apita; agir. 11 – Ossa; servo; Sião.

VERTICAIS: 1 – Nunca; ninho. 2 – Anil; dantes. 3 – Aladas; srs. 4 – Ns; sósia; aa. 5 – Us; uf. 6 – Vómer; áleas. 7 – Er; si; ia; pé. 8 – Ga; ir. 9 – Ag; el; im; TV. 10 – Dogma; melão. 11 – Ep; ai. 12 – Sr; úmero; as. 13 – Aprovo; agi. 14 – Alor; alumia. 15 – Mares; Amaro.

(«Por mares nunca dantes navegados»)

ARITMOGRAFIA

Horizontais:	Verticais:
(4+3)–5–1=1	4×4–9–3=4
4×2+6–9=5	3×2+4–6=4
(9+4)–6–7=0	5×6 : 6–3=2
3×6 : 3–2=4	(1+9)–7–2=1

XADREZ

Brancas	Pretas
1. Da1	...
2. Bh2/ch	R–d4
3. Dg1/mate	
Se:	
1.	Rd6
2. D×a 7	etc.
Se:	
1.	Rf4
2. Dc1/ch	etc.

DAMAS

SOLUÇÃO:

Brancas	Pretas
1. 4 – 8	31 – 24
2. 15 – 19	29 – 15
3. 2 – 6	15 – 2
4. 8 – 15	2 – 20

5. 16 – 23 – 30 = D... e ganham.

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 51

Metralhadora, partazana, bisarma, espada, colubrina, alabarda, pistola, machado, montante, obus, mosquete, carabina, adaga, punhal, besta.

VENCEDOR: Ten.-cor. Armando José Brito de Sá. Comandante da Área Íbero-Atlântico. Oeiras.

Actividades nas Escolas da Armada

Grupo n.º 1 de Escolas da Armada — Escola de Máquinas — Instruçãode alunos condutores mecânicos de automóveis.

Grupo n.º 1 de Escolas da Armada — Escolas de Electrónica — Aula prática de inglês.

(Fotos do 2.º-sarg. CM Ramiro Magalhães)

Características principais das corvetas classe «Baptista de Andrade»

Corveta «Afonso Cerqueira». *(Foto do 2.°-sarg. CM Ramiro Magalhães)*

DIMENSÕES: Comprimento fora a fora, 84,59 m; boca, 10,8 m; calado máximo, 3,40 m. Deslocamento normal, 1250 ton.; deslocamento máximo, 1400 ton. Altura do mastro, 24,5 m acima da linha de água.
MÁQUINAS: Dois motores «PIELSTICK 12 PC2V400», com potência máxima de 10 500 cavalos. Combustível: gasóleo. Hélices: 2.
VELOCIDADES: Máxima, 23,6 nós; máxima mantida, 22 nós; cruzeiro, 18,5 nós; económica, 13,8 nós.
AUTONOMIA: 9100 milhas a 13,5 nós.
GERADORES: Três Diesel-Geradores «MAN-SIEMENS» de 400 KVA cada; um Diesel-Gerador (emergência) «MAN-SIEMENS» de 320 KVA. Distribuição de energia em 440V/60Hz trifásica para circuitos de força; 115V/60Hz trifásica para iluminação e equipamentos diversos – obtidos por transformação – e 115V/400Hz para equipamentos electrónicos especiais.
ARTILHARIA: Uma torre de 100 mm «CREUSOT-LOIRE» modelo 1968-3 com direcção de tiro «VEGA-POLLUX» e director óptico «VEGA»; duas peças de 40 mm «BOFFORS-BAZAN» com directores de tiro óptico e possibilidade de serem comandadas pela direcção de tiro «VEGA-POLLUX»; dois reparos lança-foguetes iluminantes «VICKERS» para foguetes de 2 polegadas.
ARMAS A/S: Dois reparos triplos de tubos lança-torpedos «MK-44»; uma calha lança-bombas de profundidade; um roncador «MK-6»; um batitermógrafo electrónico «PLESSEY-SIPPICAN».
AJUDAS À NAVEGAÇÃO: Sonda «KELVIN-HUGHES MS 32»; radiogoniómetro «AGA22»; girobússula «ARMA BROWN MK7» com referência vertical MK20.
RADARES: Um radar de aviso aéreo «PLESSEY AWS-2» com DMTI (sistema que permite detectar alvos aéreos sobre terra); um radar de aviso de superfície «DECCA RM-316p»; um radar de artilharia «POLLUX» ligado à direcção de tiro.
SONAR: Um sonar panorâmico de pesquisa e ataque «THOMSON DIODON».
GUERRA ABC: Circuito de descontaminação por chuveiro, válvulas de fecho rápido.
COMUNICAÇÕES: Um transmissor MF e HF «MARCONI NT 1012»; um transmissor HF «MARCONI NT 1012»; três receptores MF e HF «PLESSEY PR 1551»; um transreceptor HF «RF-301»; dois transreceptores UHF «TED-9/URR 35»; um transreceptor CHF «AN-ART 7/AN-URR 27»; um transreceptor VHF/FM «SAIT D-60»; três teleimpressoras «SIEMENS T-100»; um transreceptor HF «RF301» de emergência, alimentado a baterias.
GUARNIÇÃO: 8 oficiais, 16 sargentos e 82 praças.
TRANSPORTE DE PESSOAL: Dispõe, além dos alojamentos para a guarnição, de mais os seguintes alojamentos para pessoal: Coberta n.° 1, doze lugares; coberta de fuzileiros, 24 lugares.
Estes navios são a modernização das corvetas classe «João Coutinho». São construidas sob planos portugueses e com a concepção de polivalência que as estadias em África requeriam. Prevêm a sua modernização com lança-foguetes de superfície e anti-submarinos, dispondo já do espaço para paióis – actualmente utilizados como coberta de fuzileiros.
São os primeiros navios de guerra portugueses que possuem o sistema DMTI, que permite apagar no radar os ecos fixos, conseguindo assim a detecção de alvos aéreos sobre terra.
A construção destes navios foi iniciada em 1972 pela Empresa Nacional Bazán de Construcciones Navales Militares – Factoria de Cartagena, sendo as entregas efectuadas em 18 de Dezembro de 1974 («Baptista de Andrade»), 18 de Março de 1975 («João Roby»), 28 de Junho de 1975 («Afonso Cerqueira») e 28 de Outubro de 1975 («Oliveira e Carmo»).

Colaboração do 1.°ten. Rodrigues Pereira